

CLEPUL
em Revista

8

Novembro de 2015

Porque ele já era escritor. Mário de Carvalho e Os Quatro Elementos Editores

Em 1980, os autodesignados Quatro Elementos Editores davam-se a conhecer através de uma espécie de revista intitulada *Mar*. Dela constava o texto de Mário de Carvalho “Expedição ao Interior do Navio”, de que se irá falar a seguir. Agora, importa referir que esta espécie de revista, que aparecia sob a forma de uma espécie de editora, culminava uma espécie de debates entre jovens letrados que se iam conhecendo uns aos outros graças a uma espécie de abrigo cultural gerado por uma figura irrepitível na atmosfera literária portuguesa: Fernando Guerreiro. Este intelectual, que é hoje um escritor e ensaísta singularíssimo, era na altura um jovem assistente de Literatura Francesa da Faculdade de Letras de Lisboa. Foi por volta de 1978/79 que conheci Mário de Carvalho na primeira ou segunda dessas reuniões, as quais se faziam alternadamente em casa do Fernando Guerreiro e nas

casas de outros promitentes escritores ou críticos ou tão-só entusiastas da coisa artística, particularmente da coisa literária. Começámos então a trazer para as reuniões de sábado ou domingo textos que eram comentados e avaliados pelo grupo. Recordo que, após termos lido vários textos candidatos a serem publicados no que viria a ser o primeiro número da revista (ou espécie de revista), alguém afirmou numas dessas reuniões, num tom de voz que esperava ser ouvido por Mário de Carvalho, e a propósito de “Expedição ao Interior do Navio”, algo semelhante à frase: *este tipo já é escritor*. Outros pensaram o mesmo, e, apesar da nossa juventude e inexperiência, este reconhecimento decorria daquilo que para mim continua a ser o essencial da comunicação literária, isto é, o que tem qualidade é imediatamente perceptível como tal por leitores que cresceram como leitores através do hábito de ler,

de facto, os melhores autores.

Tanto a construção estilística como a atmosfera inquietadoramente estranha da estória “Expedição ao Interior do Navio”, incluída na revista *Mar*, anunciavam uma escrita inabitual na tradição literária portuguesa da altura. De tal maneira que o conceito alemão de *das Unheimliche*, popularizado sobretudo por Freud, era o que na altura me sugeria a melhor localização cultural da nova escrita que se me deparrava com a assinatura de Mário de Carvalho.

Logo a seguir, em 1981, surgiu o primeiro livro de Mário de Carvalho. Intitulava-se *Contos da Sétima Esfera*, e era um conjunto de estórias que eu entendia à maneira do já meu conhecido “Expedição ao Interior do Navio”. Nessas estórias, o fantástico, o estranho e o inverosímil cruzavam-se num registo irónico e humorístico que cativava leitores de todos os estratos e formações. Desenhava-

-se a formação literária do conto enquanto género que melhor se coadunava à especificidade criativa de Mário de Carvalho, confirmando-se também a atitude estilística e o recorte existencial da ironia de "Expedição ao Interior do Navio". Mas também se inaugurava um percurso literário que a pouco e pouco foi revelando e confirmando Mário de Carvalho como um dos autores mais representativos da geração que começou a publicar nos alvares do período democrático português. No início da minha carreira de crítico literário, tive oportunidade de escrever um artigo relativamente pormenorizado sobre este livro logo que ele surgiu. Nesse artigo, enquanto promitente crítico literário, eu tentava assinalar a diferença de Mário de Carvalho como escritor mas, ao mesmo tempo, devo confessá-lo, defendia também um contrato de amizade com um grupo de literatos que se abrigava na designação de Quatro Elementos Editores. Aliás, algo semelhante acontecia com

Mário de Carvalho ao dedicar este seu primeiríssimo livro à mulher, Lena, mas também à alma jubilosa dos Quatro Elementos Editores chamada Fernando Guerreiro, que, dizia a dedicatória, «me animou a escrever estes contos».

Em 1982, surge esse fresco de gozo lisboeta intitulado *Casos do Beco das Sardinheiras* em que o humor é a regra de entendimento das circunstâncias e o delírio imaginativo o espírito que funda a atitude literária. Nesse mesmo ano, o texto inicial "Expedição ao Interior do Navio" encontra finalmente abrigo no livro que é proposto como primeiro romance, *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana*. O conto inicial da aventura literária de Mário de Carvalho na companhia de Os Quatro Elementos Editores transformava-se então em capítulo ou segmento constitutivo de um todo narrativo mais amplo, com maior alcance filosófico na contínua interrogação do mundo e, como acontece em várias outras parcelas ou capí-

tulos do livro, da própria arte de contar estórias ou da literatura enquanto estranhamento quase misterioso da linguagem. Não era por isso accidental que este livro abrisse com duas epígrafes de Maria Velho da Costa, essa artífice da palavra literária, as quais remetem mais para um universo de recriação da linguagem do que para eventuais programas de composição romanesca.

Culminação de um tempo de envolvimento com uma atitude intelectual algo provocatória, como aliás mandava a turbulência criativa do tempo político, social e cultural do país, o romance *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana*, publicado (relembro) em 1982, sugeria um horizonte de imensas possibilidades de realização artística, que o talento de Mário de Carvalho continuou a explorar magnificamente até aos nossos dias. Gostava de me concentrar a seguir em três dessas possibilidades. A primeira tem a ver com a imaginação fulgurante por que situações inverosímeis oferecem a

sua própria razão literária. A segunda tem a ver com a inscrição de cenas, personagens, atmosferas e discursos numa temporalidade indefinida onde tudo pode dialogar com tudo. A terceira tem a ver com a linguagem como desejo da escrita e do pensar. Vejamos cada uma por si.

No universo imaginativo do conto pristino “Expedição ao Interior do Navio” encontramos imediatamente algo que será uma marca de todas as narrativas de Mário de Carvalho: o seu gosto pela invenção e nomeação de lugares inexistentes onde decorrem ações fantásticas levadas a cabo por personagens incríveis. Temos no texto, por exemplo, uma espécie de navio fantasma que viaja pelo inventado paralelo de Gilgamesh, ou que anda pelo inexistente cabo de Utraupishtin, na “estação dos ventos astrais” (155). Estes são os lugares míticos onde é possível acontecer tudo, dentro e fora do espaço identificado da ação – a qual se desenrola, neste caso, no interior de um

estranho navio onde o sujeito que narra se vê envolvido em situações cada vez mais bizarras e misteriosas. Algures em “Expedição ao Interior do Navio” lê-se o seguinte: «Durante muito tempo os passos ecoaram, acertados, pelo corredor fora. Quando o ar se tornou pesado, pesado, e espesso, laixado de odores pútridos e os gestos se fizeram quietos, respeitadores, e o rumor de passos se decompôs num ruído espalhado, cauteloso, soube que tínhamos penetrado na cripta dos vinte e oito caixões. Os pés enrodilhavam-se-me em lixos, cotões, panos. À minha volta tacteia-se, as respirações fundas, ansiosas.

Senti-me muito inseguro, creio que tive muito medo. Tudo me era negro, os sons cinzentos.

Tentei lembrar os habitantes, ora invisíveis daqueles ergástulos, Till, Pedro, Malas Artes, Arcaus, Narezin, Sindbad, mas só recordei celas vazias, lúgubres, negras, com montes de palha podre e talos de couve aos cantos.» (157).

O interior deste navio enquanto lugar mítico onde o autor concentra pulsões de vida e de morte sintetiza bem, segundo creio, aquilo que irá constituir as futuras estratégias narrativas de Mário de Carvalho, bem como as suas profundas incidências psicológicas. Os lugares míticos das estórias de Mário de Carvalho funcionam à maneira das caixas chinesas, abrindo-se permanentemente para outras estórias, outros lugares, outras personagens. Por exemplo, ainda em “Expedição ao Interior do Navio”, pouco depois da passagem citada pode-se ler este mergulho numa realidade ainda mais estranha, mas pungente no alcance psicológico da sua efabulação literária: «Quando o ascensor se deteve, enfim, saímos para um grande corredor metálico, muito enferrujado e escuro, com restos de zarcão antigo ainda pegados às placas. Junto às portas que davam para as cabines férreas, imundas, acocorava-se gente, corriam catraios nus, macilentos, de ventres inflados.

O chão estava coberto de detritos viscosos.» (158). O segundo aspeto que quero ter em conta diz respeito à inscrição de cenas, personagens, atmosferas e discursos numa temporalidade indefinida onde tudo pode dialogar com tudo. De facto, se executarmos as desinências históricas de uma Antiguidade romana muito especial que encontramos no romance *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, o leitor da ficção de Mário de Carvalho nunca sabe exatamente em que tempo é que, afinal, deve situar o essencial da narrativa que está a ler. Sente-se o prazer do autor em se relacionar com o tempo como se este fosse um aliado sempre pronto a fornecer hiatos referenciais e fraturas de mundividências historicamente identificáveis. Em suma, o que nos é dado são acima de tudo zonas indeterminadas do sentido, onde o que verdadeiramente importa é tão-só o impulso irreprimível da representação ficcional. Este jogo de sombras leva o autor a passear pela

sua própria imaginação, isto é, por alguns marcos a que associa um valor simbólico especial. Não são só alguns *topoi* que se vão sucedendo de estória para estória, como, por exemplo, o encanto por personagens algo pícaras na malícia e astúcia da sua malandragem e das situações caricatas em que se envolvem. O jogo imaginativo de Mário de Carvalho é de tal ordem que acaba por penetrar bem fundo no fluxo da sua própria memória criativa. O exemplo necessário do que acabo de dizer leva-nos, mais uma vez, a 1982 e à obra *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana*. Aqui encontramos *Maria Speranza*, o navio em que o eu que narra se faz viajar no início do romance e que acaba naufragado no Mar dos Sargaços. O segundo capítulo do romance, intitulado “No Mar dos Sargaços a Bordo do *Maria Speranza*”, situa-nos o sujeito da escrita (um eu que é simultaneamente sujeito e objeto da narrativa) num navio ou lugre em vias de “petrificar-se” num misterioso enqua-

dramento marítimo em que nada é o que parece – inclusive do ponto de vista da narrativa literária, pois esse é o primeiro momento em que o autor interpola inopinadamente o primeiro segmento narrativo acerca da cidade de Tebas que se anunciara no título do romance.

O navio *Maria Speranza* desapareceu em 1982 no mar do *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana*, mas não da imaginação de Mário de Carvalho. Ele irá reaparecer trinta anos depois na novela *Ocaso em Carvangel*. O navio petrificado e desaparecido reaparece agora como fantasma, como algo de que as personagens falam mas não conhecem, que aguardam que chegue a qualquer momento a Carvangel mas que nunca chega. Visto neste enlace autoral com a obra de 1982, o navio *Maria Speranza* do livro de 2012 torna-se a chave mítica de uma esperança que continua a ser servida no imaginário do escritor e, ao mesmo tempo, uma espécie de alavanca da memória e do diálogo literário com os

seus prístinos fundamentos. Neste sentido, e porque na literatura nada se repete mas tudo se transforma, poder-se-ia dizer que *Ocaso em Carvangel* é a leitura que Mário de Carvalho acabou por *fazer das possibilidades existenciais e ficcionais dos seus textos de juventude*, e muito especialmente o exemplo da aventura de ser conduzido ao portal da imaginação aberto por um texto como o que se incluía na revista *Mar* de 1980.

Finalmente, o campo de possibilidades abertas em 1982 por *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* veio paulatinamente a revelar a intimidade específica da escrita de Mário de Carvalho por aquilo que gostaria agora de sublinhar como um inequívoco *desejo de resplandescência da palavra*. Sem dúvida que o perfil da alegoria pode ser desenhado a partir do processo de constante metaforização que observamos nas estórias de Mário de Carvalho. Contudo, julgo que o impulso

mais enérgico para a escrita por parte deste autor radica numa intensificação do prazer da escrita enquanto jogo verbal ou enquanto reinvenção da narrativa literária pelo engendramento propriamente linguístico da estória. Não é por acaso que raras vezes identificamos em Mário de Carvalho uma intriga organizadora do tecido ficcional. O que temos são sugestivas descrições dos traços mais salientes de personagens, atmosferas ou eventos – essas descrições profundamente imaginativas e que possuem aquela fulguração irónica que caracteriza toda a escrita de Mário de Carvalho. Mas elas conduzem-nos, antes de tudo, para a festa da palavra de recorte clássico ou de ocorrência rara no discurso comum, ou até para os detalhes de uma estória assente mais na reverberação vocabular do que no desenho da ação ou da intriga.

Em suma, trata-se de linguagem, de um soberbo domínio da linguagem. E trata-se sem dúvida de

imaginação. De um magnífico trabalho inventivo que agarra o leitor e o torna cúmplice de estórias vagabundas. É isto que distingue Mário de Carvalho no contexto da literatura portuguesa atual. E é por tudo isto que em 1979/80 o pequeno conto “Expedição ao Interior do Navio” permitia aos Quatro Elementos Editores assegurar, com a *esperança* que também haveria de dar nome a um navio fantástico, o seguinte: *porque ele já é escritor*. E hoje, 35 anos depois, podemos dizer com orgulho e amizade: *Sim, porque ele já era escritor*. **Manuel Frias Martins**

[In *Colóquio/Letras*, nº 190, Setembro-Dezembro de 2015, p. 158-162]

Nota: Este texto prolonga a comunicação feita na sessão de Homenagem a Mário de Carvalho realizada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 13 de outubro de 2014. Os números de página indicados referem-se à 1.ª edição de *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana* (Lisboa, Vega, 1982).

Caminho de Santiago na Literatura Oral Tradicional¹

Há entre o Caminho de Santiago e a Literatura Oral Tradicional uma analogia deveras interessante. É que, ao contrário do que acontece na Literatura institucional, na qual os textos são fixos e imutáveis, na Literatura Oral Tradicional os contos, cantigas, lendas ou romances são como que um texto virtual que se actualiza em múltiplas versões, transmitidas oralmente, num espaço geográfico e temporal alargado. Também o Caminho de Santiago pode ser conceptualizado como o conjunto das vias de acesso a Compostela, chamando-se a cada uma delas o mesmo. Como, a par disto, cada peregrino, percorrendo a mesma via de outros, tem as suas motivações pessoais, o seu propósito e dificulda-

des, poder-se-á dizer-se que cada um deles tem a sua própria «versão» do Caminho.

Muitas são as rotas que, ao longo dos séculos, os peregrinos têm tomado para se deslocarem ao sítio onde acreditam estar o túmulo de Santiago Maior, conhecido, entre outras coisas, por Apóstolo das Espanhas, por se crer que tenha estado na Hispânia a pregar doutrina cristã. Mal sucedido, teria regressado à Judeia, onde foi decapitado, e reza a tradição que o seu corpo foi transportado numa barca de pedra soprada pelos anjos, até à Galiza, onde foi sepultado. O local perdeu-se e só em 814 o bispo Teodomiro identificou um túmulo no Campus Stellae como sendo o de São Tiago. Assim, aquele

que viria a tornar-se o centro de peregrinação tanto ou mais prestigiado do que Roma ou Jerusalém, atraindo milhares de peregrinos e o culto jacobino, estendeu-se também a Portugal, onde cresceram inúmeros santuários dedicados a Santiago e a sua invocação guerreira se manteve até à sua substituição por São Jorge, no século XIV.

A peregrinação a Santiago está desde cedo presente na Literatura e, da meia centena de «cantigas de romaria»², algumas referem especificamente a de Santiago como é o caso, por exemplo, de *A Santiag'em romaria vem*, de Airas Nunes, que pode reportar-se à viagem de Afonso X a Compostela cerca de 1286 («A Santiagu'en romaría ven // el-Rei, madr', [...]»).

¹ Síntese da comunicação apresentada nas VII Jornadas Temáticas *Do património natural ao intangível cultural – interdependências e identidades*, em 24 de Outubro de 2015, Alvaiázere, organizada pela Associação de Defesa do Património Al-Baiáz.

² Trata-se de Cantigas de Amigo que têm por cenário uma romaria e nas quais o sujeito poético, que é a rapariga, apenas vai não para orar, mas para se encontrar com o seu amado. Quanto às Cantigas de Romaria da modernidade, foram classificadas como «Cânticos» nos Géneros de Carácter Lúdico, na base de dados *Arquivo Digital de Literatura Oral Tradicional* (ADLOT), concebida e desenvolvida no Centro de Tradições Populares Portuguesas, porque a sua temática, a par da religiosa, também é, muitas vezes, de carácter profano, ou misturam as duas vertentes.

Também a pastorela de Pedro Amigo de Sevilha refere a «romaria»³ a Santiago, onde encontra a bela pastora que o inspira a compor («Quand'eu hun dia fuy en Compostela // En romaria, vi hunha pastor [...]»).

O Caminho de Santiago, percorrido por peregrinos de nacionalidades e estratos sociais diferentes, foi um poderoso meio de difusão cultural, pois durante a longa viagem de ida e volta, aqueles ouviam e contavam canções e histórias, processo de transmissão que levava à tradicionalização dos cantos ou narrativas.

Da prática de os antigos peregrinos levarem para casa a prova de terem cumprido a peregrinação⁴ ficou o uso de trazer-se das romarias contemporâneas (também chamadas Festas ou Círios) um «registo», vulgar «santinho». Quem não podia ir pedia que se lhe trouxesse uma recordação, como na seguinte quadra: «Se fordes

a Santiago, / Trazei-me um Santiaguinho; / Não podendo com um grande, / Trazei-me um pequenino.» (Covilhã e Mondim de Basto – Leite de Vasconcellos, *Cancioneiro Popular Português*, vol. III).

É entre as Lendas que se encontra o maior número de textos de Literatura Oral Tradicional onde Santiago é referente. Destas, destacamos o milagre que se deu quando o corpo do Apóstolo passava ao largo da costa hoje portuguesa. Celebrando-se um casamento em Bouças, à passagem da barca o cavalo que o noivo montava correu disparado para o mar e, quando todos já pensavam que nunca mais o veriam, eis que surge das ondas o cavaleiro e a sua montada cobertos com vieiras, que viriam a tornar-se o símbolo de Santiago. A lenda do Galo de Barcelos, com algumas variantes, aparece em vários locais do

Caminho de Santiago. Por exemplo, em Santo Domingo de la Calzada, na Rtoja, onde se diz «Santo Domingo de la Calzada, donde cantó la gallina después de asada», encontram-se na igreja vivos um galo e uma galinha de penas brancas. Em Pereira do Campo, celebra-se a Festa do Urso, na qual se faz a recriação da lenda do milagre de Santiago, que salvou um fidalgo de um urso feroz. Existem, naturalmente, outras lendas que, não se referindo diretamente a Santiago, têm a ver com certos peregrinos, como é o caso da Rainha Santa Isabel, a cuja peregrinação ficaram associadas várias lendas, como a da «cura da criança cega», da «Fonte da Fortuna» ou do «Poço da Rainha».

Quanto aos provérbios, verifica-se que os relativos a S. Tiago, têm a ver com os trabalhos agrícolas de finais de Julho: «Por S. Tiago, na vinha

³ Dante Alighieri (1265-1321), em *Vita nuova*, estabelece a diferença entre as designações «romeiro», o que vai a Roma, «palmeiro», o que vai a Jerusalém, e «peregrino», o que vai a Compostela.

⁴ Hoje, os peregrinos de Santiago que fazem mais de 100 kms a pé, ou 200 kms em bicicleta, têm direito a que lhes seja passado o certificado conhecido por «Compostela».

pinta o bago.» (Ilha de Santa Maria, Açores) No entanto, há um dito sentencioso (*Quem não vai a Santiago em vida, há-de ir depois de morto*) que refere a crença absoluta e antiga na obrigatoriedade desta peregrinação, seja vivo, seja morto já referida por Sá de Miranda, em *Vilhalpandos*, no debate entre a matrona romana Fauceia e o criado Antonioto: «– É verdade que vão as almas em Romaria a Santiago? / – Hui! muito certo, as que lá não foram em vida! / – Assi dizem aqui estes judeus, que hão-d'ir à terra da promessa, em morte, por debaixo da terra, focando como toupeiras. / – Por isso, quem lá pode ir na vida... / – Antes, a meu parecer, será melhor depois. / – Porquê, cuidada de mim? / – Porque aquela estrada que vemos de noite não tem tantas encruzilhadas nem tantos ladrões. / – Bom é pagar cá as dívidas. / – E far-se-á com muito menos

custa e trabalhos: sem passar pelo mau gasalhado de Portugal, nem pelas sujidades da Galiza.»

Nos romancieiros encontram-se referências ao Caminho de Santiago e às dificuldades do peregrino, mesmo já no estado de «alma», como se conta no Romance Religioso *Alma Peregrina* (IGR 0797; RPI U47): «[...]. / Que tens tu, ó alma santa, que tens tu, ó alma minha? Queria ir p'r'ò Santiago e o caminho não sabia. / – Agarra-te ò bem que fizeste, se bem fizeste algum dia. / [...].» (Versão de Vinhais – Firmino Martins, *Folklore do Concelho de Vinhais*, II, 1938).

O motivo do perigo encontra-se também no romance carolíngio⁵ *O Conde Preso* (IGR 0118), de que se conhece registo escrito em 1561 e no qual se conta um incidente passado no Caminho – um conde viola uma peregrina. O crime é

múltiplo e de grande gravidade, pois o conde não só desonrou uma donzela, que como nobre e cavaleiro deveria ter protegido, como o agrava entregando-a ao criado e, para cúmulo, comete esse crime num considerado espaço sagrado e recusa casar-se com a mulher que desonrou. A versão publicada por Garrett apresenta a intervenção do próprio Santiago a socorrer a donzela na figura de soldado com as «insígnias de romeiro». Depois, face à recusa do conde em casar, revela-se no seu esplendor de «bispo» e casa os dois, contra a vontade do violador. Não sendo nosso objectivo estabelecer um referente histórico para este conde, o caso é que o *Livro de Linhagens*, do Conde de Barcelos, conta como D. Mendo Alão de Bargaça cometeu um acto semelhante ao do romance, «filhando» uma princesa arménia em São Salvador de Castro de

⁵ A temática relacionada com Carlos Magno está intimamente relacionada com o Caminho de Santiago, já que o Imperador teria sido instruído pelo Apóstolo para libertar a Galícia dos «mouros», como se conta no quarto livro do *Codex Calixtinus*, tanto nos romances como também no teatro popular, como é o caso do *Auto da Floripes*, em várias regiões do País e até a S. Tomé e Príncipe, no *Tchiloli*.

Avelãs, mas, casando e tendo filhos dela, fundou a linhagem dos Braganças. Uma versão publicada por Teófilo Braga em 1867 e depois no *Romanceiro Geral Português*, 1907, apresenta uma intriga mais complexa, com o Conde a ser condenado à forca por não querer reparar o crime e a invocar a ajuda do sobrinho «D. Garfos», que se vinga dos matadores e ameaça o rei. Esta versão é uma espécie de refundição do *Conde Preso* e a que Diego Catalán chama *El conde Miguel de Prado y Bernardo*. Uma versão espanhola, *Grifos Lombardo*, registado em 1562, situa o incidente na serra de Moncayo, no hoje chamado Caminho Aragonês. O beneditino frei Francisco Sota, em 1681, relaciona o romance que viu ser cantado e dançado nas Astúrias com a prisão ordenada por Afonso VII de Leão, em 1130, do Conde Dom Rodrigo González de Lara, tio por afinidade do nosso D. Afonso Henriques. É de notar, o nome «Grifos («Garfos» na versão portuguesa) Lombardo», este

designando a Lombardia italiana, colada à Borgonha, de onde veio o nosso Conde D. Henrique.

Em outro romance, conta-se o pouco respeito que os poderosos tinham pelas donzelas peregrinas, pois até o rei persegue uma delas, neste caso sem sorte nenhuma, pois ela é a própria Nossa Senhora (*A Virgem Romeira*). Esta versão tem a curiosidade de descrever o traje de romeira: «Por aquela rua abaixo vai uma linda romera, / com seu rosário na mano, contador de prata era; / com seu capôchinho 'ôs ombros, que le servia d'auguadera; / sua touca valanciana, sua polida braguera. / Estando o rei em seu palácio se namorou da donzela. / [...]» (versão de Duas Igrejas, c. Miranda do Douro – Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Português*, II).

Alguns romances do Cid, sem versões portuguesas, citam a peregrinação. Um deles, *El Cid va en romeira a Santiago*, encontra-se registado por Agustín Duran no *Romancero General*, 1859, e conta como o Campeador en-

contra no Caminho um leproso a quem dá comida e pousada e se revelará ser S. Lázaro. No outro, *Romance de las quejas de la infanta contra el Cid Ruy Díaz*, documentado em 1547 no *Cancionero de romances s. a.*, o herói aparece sob luzes menos favoráveis, pois a infanta D. Urraca queixa-se de que ele lhe preferiu a mais rica filha do conde Lozano. A referência a Santiago é apenas a de que o Cid foi armado cavaleiro perante o altar de Santiago, o que torna ainda menos digna esta sua acção.

E, por fim, porque a tradição não é estagnação, dir-se-á que certas composições começam a tradicionalizar-se quando começam a ser transmitidas de boca a orelha, deixa de importar quem foi o compositor e começa a sofrer pequenas variações. É o caso de uma canção de Jean-Claude Benazet, de 1989, que tem a particularidade de utilizar como refrão *Ultreia, ultreia*, parte do estribilho do hino «Dum pater familias» registado no *Codex Calixtinus* e

muitos peregrinos já en- ção dos peregrinos», ve- na Literatura tradicional,
toam com variações. É nha a tradicionalizar-se daqui a uns anos. Ana
possível que esta «can- e, quem, sabe, a entrar Maria Paiva Morão

O acordo ortográfico e a edição de obras clássicas da cultura portuguesa: o caso da *Obra Completa Padre António Vieira*

O trabalho de fixação textual dos documentos que integram os 30 volumes da *Obra Completa Padre António Vieira*, escritos nos quais encontramos o *ethos* marcante e excepcional deste nome maior da cultura em língua portuguesa, seguiu critérios prévios e cuidadosamente estabelecidos que tiveram em conta aspetos como os objetivos e o tipo de edição, as fontes manuscritas e impressas, os inéditos, a diversidade tipológica e as edições existentes dos textos vieirianos.

Como exemplo das potencialidades da língua e como memória de um dos nossos maiores escritores, a obra de Vieira configurava-se como um património que importava divulgar, pelo que as normas de transcrição textual seguidas nesta edição da *Obra Completa* foram igualmente deter-

minadas pelo propósito de oferecer a um público alargado, nomeadamente de leitores sem formação filológica, mas com interesse pela produção vieiriana, uma edição que, sendo de divulgação, assegurasse a esse público condições de legibilidade e de fruição dos textos de Vieira.

Assim, na base dos princípios que nortearam a adoção das normas de transcrição textual desta edição esteve o que denominamos de razão do leitor, isto é, uma estratégia editorial que procura ir ao encontro de uma grande diversidade de interesses, objetivos e formações de todos os potenciais leitores, facilitando-lhes o acesso ao texto, sem que isso implique, no entanto, desvirtuar o pensamento do autor ou retirar ao leitor o prazer de aceder à voz deste vulto,

que se lhe dirige a partir do tempo e do espaço originais, tendo embora por mediador necessário o editor. Debruçamos-nos, portanto, sobre questões gerais de fixação textual dos escritos de Vieira, mormente sobre a atinente ao respeito pelo acordo ortográfico de 1990, refletindo sobre as opções tomadas em consonância com os critérios gerais estabelecidos, com os objetivos definidos e com as condições de legibilidade dos documentos. Refletimos por fim, neste âmbito, sobre o papel operativo do acordo ortográfico de 1990 tomado como base de trabalho pela Equipa de Professores, Especialistas e Investigadores de Universidades Portuguesas e Brasileiras que levou a bom termo a preparação e edição da *Obra Completa do Padre Antó-*

nio Vieira. Relevámos que a opção pelo Acordo Ortográfico de 1990 facilitou a o diálogo entre portugueses e brasileiros que conduziu à definição de cri-

térios de fixação dos textos de Vieira e permitiu a ampla publicação em simultâneo, e com a mesma matriz linguística e gráfica, deste projeto cientí-

fico e editorial em Portugal e no Brasil. **José Eduardo Franco** e **Aida Sampaio Lemos**

A ideia nacionalizante de Portugal na obra do Abade de Baçal

A transmontaneidade e o brigancentrismo do Abade de Baçal faz dele um autor não nacionalizante mas nacionalizante e regionalista antes de se falar como hoje de regionalismo. A sua doutrina epistemológica que subjaz ao seu trabalho intelectual entende que a nação se constrói a partir da região e só no conjunto das regiões e pelo contributo de todas elas a nação se concretiza e viabiliza. A sua entrega ao estudo e as suas op-

ções e missões científicas transportam uma mensagem que ainda hoje tem pertinência como antídoto contra o perigo de uma ideia de país em sentido abstrato, como uma ideia geral que desconhece e descarta o particular e o local.

As ideias universalistas e abstratas, sendo estimuladoras do ponto de vista intelectual, podem correr o risco de desenraizamento e até de servirem mais os interesses centralistas do poder, descu-

rando a atenção às necessidades e à relevância do local e do regional, que têm sido, no fundo, quem têm, contra todos os medos e pessimismos, em momentos decisivos, tornado Portugal como um país viável até aos nossos dias. **José Eduardo Franco**

[resumo da comunicação em 14 de Novembro, em Bragança, nos 150 anos do nascimento do Abade de Baçal]

Modernizar o que é obsoleto e iluminar o que é obscuro: tentativas de reformar e humanizar a Inquisição entre o Pombal e o Liberalismo

Conferência na Biblioteca Nacional de Portugal

A instituição do Tribunal do Santo Ofício em Portugal começou desde cedo a ser entendida por intelectuais mais críticos

e esclarecidos como um «corpo estranho» ou como um organismo hipertrofiado no seio da Igreja e do Reino de Portugal. O

egresso dominicano Fernando Oliveira no século XVI e o jesuíta António Vieira no século XVII foram alguns desses ousa-

dos críticos da Inquisição que consideraram este tribunal como anticristão e pouco benéfico para a edificação da Igreja Católica e de uma sociedade cristã mais harmónica, de fé autêntica pela adesão livre. Estas vozes pioneiras anti-inquisitoriais foram engrossadas por uma

corrente fortemente crítica que atingiu o acme no século das Luzes e na viragem para século XIX. A nossa comunicação pretendeu analisar de forma sucinta as grandes críticas à Inquisição portuguesa e as propostas reformistas avançadas para reformar e «huma-

nizar» este tribunal, especialmente a partir da segunda metade do século XVIII. Essas reformas pré-anunciaram o fim desta instituição judicial no início da terceira década do século do Liberalismo. **José Eduardo Franco**

24 de Outubro

Biblioteca Municipal de Albergaria-a-Velha: José Eduardo Franco, "Ordens Religiosas, Construtoras da Globalização", nas II Jornadas Históricas de Albergaria-a-Velha: 600 anos depois, o papel de Portugal no Mundo Casa Municipal da Cultura (Alvaiázere): Ana Maria Paiva Morão, "O Caminho de Santiago na Literatura Oral Tradicional", nas VII Jornadas Temáticas Do Património Natural ao Intangível Cultural – Interdependências e Identidades

29 de Outubro

Escola Secundária Padre António Vieira: participação de Ernesto Rodrigues na iniciativa Ler + Vieira

30 de Outubro

Museu Arqueológico do

Carmo: Augusto Moutinho Borges, "Um painel azulejar do Terreiro do Paço antes do Terramoto e outras visões de Lisboa no palácio do Correio-mor, em Loures", no Colóquio Terramoto de Lisboa. Arqueologia e História Associação CaboVerdeana de Lisboa: Maria Raquele Álvares ("Germano Almeida, sua inserção na Nova Literatura Caboverdiana"), Glória de Brito, Rui Guilherme e Manuel Varela participaram na Mesa-Redonda A Nova Literatura Caboverdiana (a Literatura Caboverdiana no Período Pós-Colonial)

3 de Novembro

Angra do Heroísmo: José Eduardo Franco, "Igreja, Ordens Religiosas, Ilhas Atlânticas e Proto-Globalização", no

âmbito das comemorações dos 481 anos da Diocese de Angra

9 de Novembro

Salão Nobre da Academia das Ciências de Lisboa: João Malaca Casteleiro, "O Acordo Ortográfico de 1990 contém carradas de bom senso"; José Eduardo Franco e Aida Sampaio Lemos, "O Acordo Ortográfico e a edição de obras clássicas da cultura portuguesa: o caso da *Obra Completa do Padre António Vieira*", no Colóquio Ortografia e Bom Senso

12 de Novembro

Sociedade de Geografia de Lisboa: Augusto Moutinho Borges, "Penamacor Militar: Da Restauração à República, 1640-1910"

13 de Novembro

Auditório Paulo Quintela

(Bragança): Henrique Manuel Pereira, "Abade de Baçal e Mons. José de Castro: Afinidades e cumplidades", no Congresso Vida, Obra e Pensamento de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal

14 de Novembro

Auditório Paulo Quintela (Bragança): José Eduardo Franco, "A ideia de Portugal no pensamento do Abade de Baçal"; Ernesto Rodrigues, "O cânone literário do Abade", no Congresso Vida, Obra e Pensamento de Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal

16 de Novembro

Auditório do Camões, I.P.: Luiza Sawaya, "Caldas Barbosa: a lira de Horácio e a viola de Lereno"; Vania Chaves, "Contribuição do *Almanaque de Lembranças* para as relações luso-brasileiras na segunda metade do século XIX e início do XX"; Alva Martínez Teixeira, "Uma perspectiva obliquamente vertical: análise provisória da ficção brasileira do Século XXI", no ciclo de conferências Circularidades e Trânsitos Culturais Luso-Brasileiros

17 de Novembro

Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal: Rui Sousa, "*Para além do Inferno Cristão do Marquês de Sade*: leituras surreal-abjeccionistas de Bocage", no ciclo de conferências Da inquietude à transgressão: eis Bocage..., comissariado por Daniel Pires

18 de Novembro

Palácio da Independência: Artur Anselmo de Oliveira Soares, "Filologia e História do Livro", no Ciclo de Conferências "Portugal: (RE) Fundações 2014-2015"

Salão do Centro Académico de Democracia Cristã (Coimbra): apresentação pública do Congresso Internacional do Espírito Santo. Génesis, Evolução e Atualidade da Utopia da Fraternidade Universal

Hotel Santa Maria (Fátima): Miguel Real, "A Nova Filosofia e a Nova Literatura Portuguesa do Século XXI", integrada no Tabula Rasa – Festival Literário de Fátima

Museu da Cidade – Torreão Poente: Jorge Martins e Augusto Moutinho Borges à conversa em

torno d'A LUZ DE LISBOA

19 de Novembro

Centro de Estudos de Fátima: Sofia A. Carvalho, "A um morto moldam-se as mãos e o rosto: considerações estético-metafísicas sobre o paroxismo do corpo e a inesgotabilidade da palavra", no Tabula Rasa – Festival Literário de Fátima

20 de Novembro

Colégio de São Miguel (Fátima): Fernando Cristóvão, "A Fé 'Unívoca' de Vitorino Nemésio e a 'Vaguidade' poético-metafísica de Teixeira de Pascoaes", Pedro Vistas, "Da essência da poesia. *O Livro do Desassossego* como experiência ontopoética", no Tabula Rasa – Festival Literário de Fátima

Auditório da Universidade Federal de Sergipe: Antônio Ponciano Bezerra, "Antipurismo", no I Ciclo de Debates sobre Culturas em Negativo

Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo: apresentação pública da Cátedra Infante D. Henrique para os Estudos Insulares e a Globalização e do Con-

gresso Internacional do Espírito Santo. Gênese, Evolução e Atualidade da Utopia da Fraternidade Universal

21 de Novembro

Hotel Santa Maria (Fátima): Annabela Rita, “Sophia: o verbo filosófico”, Carlos Leone, “Entre Orwell (1984) e Sottomayor Cardia, (*Socialismo Sem Dogma*)”; Fernando Gebra, “Alfredo Guisado e Clément Rosset nas encruzilhadas de seus duplo”; Isabel Ponce de Leão, “Previvendo a morte – Torga e Unamuno”; José Carlos Seabra Pereira, “Desespero: *A Doença Mortal*, de Kierkegaard, e *A Gênese de Lamentais Vós as Sombras*, de Francisco Milheiro”, no Tabula Rasa – Festival Literário de Fátima
Biblioteca Municipal Alexandre O’Neill (Constância): “Literatura Oral e Tradicional: algumas questões sobre recolha e tratamento”, Ana Maria Paiva Morão, no colóquio Património Cultural Imaterial de Constância
Casa Municipal de Cultura (Coimbra): Alexandre Parafita, “Fala para que eu te veja! O que nos di-

zem os provérbios?”, nas XIX Jornadas Técnicas de Etnofolclore

22 de Novembro

António José Borges, “Justificação | Poesia”; Miguel Real, “Justificação | Grande Prémio ‘TABULA RASA VIDA E OBRA’: Eduardo Lourenço”, no Tabula Rasa – Festival Literário de Fátima

25 de Novembro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Gonçalo Jorge e Pedro Teixeira, “A Magia como Forma de Arte”, na iniciativa GECAPA TALKS
Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Annabela Rita, “*Mensagem* (1934): emoção & argumentação”, integrada nas II Jornadas da Sociedade Portuguesa de Retórica
Sala de Exposições da Biblioteca Central da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Miguel Real, “Luz e Literatura a primeira narrativa”
FNAC Colombo: intervenções de Joaquim Fernandes, Mário Vitor Bastos, Paulo Mendes Pinto, Renato Epifânio, Rui Oli-

veira na iniciativa Academia(s) em Interface: Diálogos e Colaborações | Instituições & etc., coordenada por Annabela Rita e Pedro Saraiva

26 de Novembro

Biblioteca Nacional de Portugal: Sofia A. Carvalho, “Almada Negreiros e Teixeira de Pascoas: o vôo colossal de dois Infernos a arder”; Pedro Vistas, “A Hetero-ortodoxia de Raul Leal”; Miguel Real, “A Geração de *Orpheu* na História do Pensamento Português”, no Colóquio *Orpheu* Filosófico

27 de Novembro

Auditório da Universidade Federal de Sergipe: Hypolyte Brice Sogbossi, “Antiafricanismo”, no I Ciclo de Debates sobre Culturas em Negativo

28 de Novembro

Biblioteca Nacional de Portugal: Vanda Anastácio, “Bocage e o Teatro do Século XVIII”; Isabel Pinto, “Bocageana teatral: na diáspora dos sentidos (1765-2015)”, no ciclo de conferências Da inquietude à transgressão: eis Bocage..., comissariado por

Daniel Pires

30 de Novembro

Auditório do Templo da Poesia do Parque dos Poetas: Annabela Rita, “Fernando Pessoa e o Cãnone Português”, integrada na iniciativa Fernando Pessoa e o Sonho

do Indizível. Conferência-recital pelo 80º Aniversário da morte de Fernando Pessoa

Livraria Ferin: Fernando J. B. Martinho, Rita Patrício e António Durães participam na iniciativa Pessoa Revisited – 1935 | 80 anos depois, promo-

vida pela Associação Portuguesa de Escritores

9 de Dezembro

Espaço Arte Sénior (Av. Duque de Loulé, 33, Lisboa): Teresa Martins Marques, “O Milagre da Escrita segundo José Rodrigues Miguelis”

COLÓQUIOS

14 a 16 de Outubro

FLUL, Academia das Ciências de Lisboa e BNP: *A Arte de Ser Português*. No Centenário da sua publicação

28 e 29 de Outubro

FLUL e Palácio da Independência: Colóquio Internacional em Homenagem a Judith Teixeira. As Mulheres e o Modernismo

29 de Outubro

FLUL: Jornada Comemorativa dos 40 anos da Independência de Moçambique

2 de Novembro

Colégio do Espírito Santo

(Universidade de Évora): Jornada Internacional de Estudos Brasileiros

4 e 5 de Novembro

Universidade degli Studi di Napoli — L’Orientale, II Jornada em Estudos de Género. A mulher no contexto italiano e em países de língua portuguesa / Il Convegno sugli Studi di Genere. La donna in ambito italiano e nei paesi di lingua portoghese

9 e 10 de Novembro

FLUL: Colóquio Internacional Arquitetura Assistencial Luso-Brasileira da Idade Moderna à Con-

temporaneidade

12 e 13 de Novembro

Anfiteatro da Parada na Universidade da Beira Interior: Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio Mosteiro da Batalha: Congresso Internacional A Batalha e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória. História de uma Vila e Construção de um Mosteiro

18 de Novembro

Fundação Calouste Gulbenkian: Colóquio Educação e Cidadania

SEMINÁRIOS À HORA DE ALMOÇO

22 de Outubro

sessão LXXII: Michelle Vasconcellos Oliveira do Nascimento, “Bodas de papel: a correspondência amorosa de Florbela Espanca e António Guimarães”

11 de Novembro

sessão LXXIII: Pedro Albuquerque, “(Con)textos de Tartessos: as letras, ‘livros da terra’ e alguns olhares”

Colóquio *Orpheu*, e Agora?

Casa Fernando Pessoa, 16 de Dezembro, das 14H00 às 19H00

O ano 2015 tem sido um ano de evocação modernista, intenso de actividades científicas, culturais e artísticas variadas, cruzadas entre Portugal e o Brasil. A fechar o ano, fica o convite para uma nova jornada de encerramento pois, como escreveu Pessoa no ter-

ceiro número da *Sudoeste*, em 1935, "Orpheu acabou. Orpheu continua". Em *Orpheu*, e agora?, um programa da responsabilidade de Fernando Moraes Gebra e CLEPUL, far-se-á um balanço do ano e do legado da *Orpheu* no contexto das artes luso-brasileiras.

Com José Blanco, Dionísio Vila Maior, Pedro Teixeira da Mota, Anabela Almeida e Maria de la Salette Loureiro

Organização Fernando de Moraes Gebra, Universidade Federal da Fronteira Sul, CLEPUL / Universidade de Lisboa

Colóquio Internacional 1916-2016:

100/EXÍLIO & CENTAURO – Modernismo em Revista(s)

3 e 4 de Fevereiro de 2016

Durante o ano de 2015, comemorou-se em Portugal e no Brasil o centenário da Revista *Orpheu* com um Congresso Internacional Luso-Brasileiro (100/*Orpheu*, em Lisboa e S. Paulo), com múltiplas e diversificadas iniciativas, promovido pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), LEPEM — Universidade de S. Paulo, Academia Lusófona Luís de Camões, Instituto de Cultura Europeia e Atlântica (ICEA), Instituto Fernando Pessoa e dezenas de instituições associadas de todo o mundo. Do

encontro científico tradicional (congresso na Fundação Calouste Gulbenkian e na Universidade de S. Paulo, colóquio na Fundação Eng. António de Almeida), passando pela Festa das Artes, Letras & Ciências no Centro Cultural de Belém (Lisboa), com mesas redondas disciplinares, até lançamentos, exposições, seminários e conferências, foi vasta a multiplicidade de eventos nos continentes europeu e americano. Atentos à complexidade dos movimentos modernista em Portugal e no Brasil, esses eventos des-

tacaram aspectos centrais na historiografia e crítica literárias lusófonas: as condições intertextuais e dialógicas dos projectos e autores modernistas luso-brasileiros; as interfaces políticas, sociais, filosóficas das estéticas modernistas com os movimentos culturais do século XX; o constante diálogo com a tradição literária simbolista, decadentista e saudosista e com a tradição historiográfica de ressignificação dos mitos pátrios portugueses; a interpenetração de várias linguagens artísticas (literatura, artes plásticas,

música e cinema). Além das questões enunciadas, também se pretende neste encontro, reflectir sobre a relação entre estas revistas e o cânone literário, a modernidade e a tradição. Nota-se, no âmbito da crítica literária, a tendência para iluminar algumas figuras primaciais do Modernismo português como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, deixando mais na sombra outras também importantes como Alfredo Pedro Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues, Raul Leal, Ângelo de Lima, entre outros. No cânone literário brasileiro, evidenciam-se habitualmente os nomes de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira como os autores de maior relevância para o primeiro Modernismo, esbatendo-se, em simultâneo, a importância do Movimento Verde-Amarelo e do grupo da Anta, liderado por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado. Motivações circunstanciais, de natureza ideológica e estética, po-

derão explicar esta perspetivação crítica, o que justificará, também, uma reflexão sobre os factores canonização e legitimação do discurso literário. No ano de 2016, comemoram-se duas importantes efemérides, o centenário das revistas *Exílio* (número único, Abril de 1916) e *Centauro* (número único, Outubro de 1916), respectivamente dirigidas por Augusto de Santa-Rita (irmão do artista plástico Guilherme de Santa-Rita, ou Santa-Rita Pintor) e Luís de Montalvor (um dos directores do primeiro número da *Orpheu*). Augusto de Santa-Rita pretendia, com *Exílio*, uma revista de «artes, sciencias e letras», com ideias de metafísica da Raça portuguesa, próximas do grupo da Renascença Portuguesa e da revista portuense *A Águia*, como fica patente na colaboração de António Sardinha acerca do canto guerreiro de sacrifício pela Pátria, em consonância com algumas ideias de Teixeira de Pascoas em *A arte de ser português*. Enquanto *Exílio* apresen-

tava, a par de colaborações literárias de Alfredo Guisado, Fernando Pessoa, Côrtes-Rodrigues e António Ferro, algumas colaborações de discurso histórico e político, *Centauro* busca transcender toda a «moral colectiva», «mordaza da moral individual», afirmando uma «moral estética» de uma arte tributária do Decadentismo nas linhas de Mallarmé e Maeterlinck. Luiz de Montalvor, Alberto Osório de Castro, Raul Leal, Fernando Pessoa, Julio de Vilhena e Silva Tavares colaboram na revista que publica pela primeira vez quinze poemas de Camilo Pessanha.

É fundamental considerar duas linhas de força nos movimentos modernistas português e brasileiro, uma de experimentalismo vanguardista e outra de investigação histórico-etnográfica das raízes culturais que possibilitam a afirmação de identidades culturais significativas.

As revistas literárias modernistas dão conta dessa relação dialéctica de tradição/ruptura que envolve

os fenómenos culturais, possibilitam uma formação e revisão do cânone literário, problematizam as relações interartísticas e os diálogos luso-brasileiros. Sobre esse último aspecto, no período de 1900 a 1915, revistas como *A Crónica*, *Sombra e Luz*, *Gazeta Ilustrada*, *Revista Nova*, *Ilustração Portuguesa*, *A Revista*, *Portugália*, *Arte & Vida*, *Revista Literária*, *O Herald*, *Ilustração Popular*, *A Águia*, *Figueira*, *A Vida Portuguesa*, *A Rajada*, *A Labareda*, *A Renascença*, *Orpheu* ou *Atlântida* olhavam, de modos diversos, o espaço

brasileiro. Autores brasileiros como Ronald de Carvalho (um dos directores do primeiro número da *Orpheu*), Eduardo Guimaraens (colaborador do segundo número da *Orpheu*) e Cecília Meireles (que publicou os *Poetas novos de Portugal* no Brasil, além de estabelecer intenso diálogo epistolar com Côrtes-Rodrigues), além de Carlos Maul, Ernani Rosas e Guilherme de Almeida, foram responsáveis por unir os dois lados do Atlântico. E por aí vai...

Este colóquio pretende enfatizar essas questões luso-brasileiras, interar-

tísticas, dialógicas, intertextuais. Além de propostas de comunicação que incidam sobre as revistas *Exílio* e *Centauro* e sobre o seu lugar na configuração do Modernismo em Portugal, como continuadoras da *Orpheu*.



“Bocage: da Poesia à Contestação” Galeria da Biblioteca da FLUL, até 7 de Dezembro

As comemorações dos 250 anos do nascimento de Bocage terão lugar, durante um ano, em vários países.

O CLEPUL, que se associou desde a primeira hora a esta consagração, organizou a presente exposição, que sinaliza a

obra lapidar de Bocage, designadamente os seus poemas líricos, eróticos e de intervenção social e política; assinala, por outro lado, as suas traduções rigorosas de textos originalmente compostos em latim e em francês; enfatiza ainda o seu per-

curso heterodoxo e crítico, reivindicando valores alternativos, em sintonia com o Iluminismo, opção que teve como corolário, por diversas vezes, o seu encarceramento. **Daniel Pires**

Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro

ARTE DE SER PORTUGUÊS no centenário da sua publicação

In memoriam
Jorge Coutinho

Com o Alto Patrocínio de Maria Cavaco Silva, o Instituto de Ciências da Cultura Pe. Manuel Antunes, em parceria com o CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa –, a Câmara Municipal de Amarante, a Biblioteca Nacional de Portugal e outras ilustres instituições, encontram-se a organizar o Triénio Pascoalino, ciclo de Congressos Internacionais que compreende: **As Biografias no Pensamento Português dos séculos XIX-XX, por ocasião dos 80 anos da publicação de São Paulo de Teixeira de Pascoaes**, nos dias 29, 30 e 31 de Outubro de 2014; a celebração do **Centenário da publicação da Arte de Ser Português**, nos dias 14, 15 e 16 de Outubro de 2015; e **Teixeira de Pascoaes: Pensamento e Missão. Congresso comemorativo dos 140 anos**

do seu nascimento e 65 da sua morte em Março de 2017.

O distinto alcance científico das contribuições do 1º Congresso Internacional, dedicado ao género literário das biografias, torna a realização do 2º Congresso Internacional um coerente prolongamento e um premente desafio lançado à comunidade académico-científica acerca dos princípios teóricos fundamentais da obra do Autor amarantino e do pensamento português epocal e contemporâneo.

Assim, encontramos no profícuo ano de 1915 a germinação e estruturação de um manancial de possibilidades e actualizações histórico-culturais e estético-metafísicas que, pela força motriz e mitogénica de Portugal, serão incrementadas ao longo de todo o século XX.

Nesse mesmo ano, é publicada a obra de Teixeira de Pascoaes, inti-

tulada *Arte de Ser Português*, a par, ainda da publicação da Revista *Orpheu*, instauradora da capital e vibrátil instauração do modernismo português, pelas figuras de relevo de Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro, sem esquecer outros acontecimentos que alterariam radicalmente o modo de pensar e filosofar do pensamento português e ibérico: desde a influência do cracionismo de Leonardo Coimbra até a comemoração dos 94 anos da Revista *Seara Nova*, elevada pelas concepções democrático-racionalistas de António Sérgio.

É assim que, ao celebrar o centenário da publicação da obra supracitada de Pascoaes, foram exaltadas as controvérsias entre o racionalismo / positivismo e o movimento da filosofia portuguesa, a predominância de um providencialismo messiânico, a urgência disruptiva do modernismo, a presença

de um projecto espiritual, vital e movente, do pensamento português que cruza a totalidade do século. Os painéis contaram com as mais distintas e proeminentes figuras do pensamento e cultura do pensamento português, bem como de investigadores especializados em literatura, filosofia e história que em muito contribuíram para a ampliação do debate e do pensamento crítico, a saber: Artur Anselmo, Ana Paula Pinto, António Braz Teixeira, António Cândido

Franco, António Maria Melo, António Moniz, Cristiana Lucas, Elísio Gala, Fabrizio Boscaglia, Fabio Mario Silva, Fernando Gebra, Joaquim Domingues, João Pedro Cambado, Jorge Coutinho, José Cândido de Oliveira Martins, Jorge Croce Rivera, Jorge Leandro Rosa, José Almeida, Manuel Cândido Pimentel, Manuel Rezende, Mário Bastos, Mário Garcia, Miguel Real, Paulo Borges, Paulo Alexandre Loução, Paulo Motta, Pedro Martins, Renato

Epifânio, Samuel Dimas, Tânia Pego, entre tantos outros.

Será este encontro lembrado não apenas pela inegável qualidade científica das intervenções e de aceso debate de ideias inovadoras, mas sobretudo pelo último e alto pensamento que nos legou Jorge Coutinho, um dos mestres que soube reconhecer um seu igual. Ecoarão pela eternidade as suas palavras, o seu pensamento e o seu espírito generoso e ímpar. **Sofia A. Carvalho**

Congresso de História e Mitologia: O Caos – As diferentes faces da desordem

O Instituto Prometheus organizou a 1ª edição do Congresso de História e Mitologia subordinado ao tema: *O Caos – As diferentes faces da desordem* em parceria com o Museu da Farmácia e o CLEPUL. Durante os dias 28, 29 e 30 de outubro tivemos a possibilidade de assistir a uma intensa partilha de conhecimento e novas ideias. O congresso realizou-se no Museu da

Farmácia, local que no futuro servirá de “casa” para outros encontros científicos.

Porque escolhemos o Caos? O Caos (Χος; Cháos) pode assumir as mais variadas formas e interpretações. Ao longo da História, a ordem e a desordem têm estado intimamente ligadas e por norma são consideradas concepções antagónicas. Lembramos o

caos criacional e o caos apocalíptico; o caos resultante da desordem social; os elementos destruídos de civilizações ou as criaturas bárbaras e os monstros, representantes distintos do «mundo às avessas».

Desta forma, as temáticas preferenciais deste congresso, subjacentes nos vários painéis foram: o caos como elemento de criação; Divindades, ele-

mentos e criaturas caóticas; Representações do caos no cinema, vídeo-jogos, literatura, música; Castigos; medo e pânico; O caos depois da morte; Interpretações do caos social; Representações da doença e o caos como elemento destruidor.

A missão da Comissão Organizadora passava por procurar com a apresentação de vários estudos, captar o interesse do público português e de jovens investigadores, encorajando futuros projectos, comunicações e trabalhos no campo da História, da Mitologia, da Arte e da Filosofia. Uma

missão que foi levada a *bom porto* já que este Congresso teve mais de uma centena de inscritos, «casa cheia» e um público sempre entusiasmado e interveniente.

Muito devemos ao Museu da Farmácia pela forma fantástica com que nos recebeu, em particular ao Dr. João Neto (director do Museu da Farmácia) e ao Nuno Caseiro pela forma acolhedora e enérgica com que nos receberam e ajudaram. O Instituto PAEHI agradece pela forma com que todos os congressistas aceitaram e «abraçaram» este Congresso, dos mais con-

ceituados na comunidade científica pela partilha da sua sapiência e aos jovens investigadores, pelo dinamismo mostrado. Um agradecimento especial em primeiro lugar ao José Malheira Magalhães, por ter tido pulso e energia para levar o Congresso até às suas *artes finais*. E em especial, à Carolina Esteves Soares, ela que foi a nossa *comandante*, tendo conseguido concretizar quase por si só toda esta operação estratégica de montar, idealizar, debater e criar um dos maiores congressos do ano de 2015. **Francisco Isaac**

Simpósio Internacional Revisitar Vieira no Século XXI

Universidade de Coimbra, 8 e 9 de Janeiro de 2016

A publicação da *Obra Completa* do Padre António Vieira, no âmbito da qual se procedeu ao levantamento exaustivo e à edição de todo o legado escrito do maior orador luso-brasileiro de todos os tempos, trouxe novos e significativos dados para o conhecimento da língua, da literatura, da

história e da cultura. Assim, à comunidade científica que estuda Vieira, em particular, e a Época Moderna, em geral, mormente o século XVII, é dada a possibilidade de poder revisitar as obras deste autor e repensar criticamente, a partir da visão de que esta publicação permite, anteriores

perspetivas analíticas e conclusões hermenêuticas.

Na verdade, com a disponibilização da totalidade conhecida dos escritos de Vieira é-nos dada a possibilidade de subir a imensa montanha da sua obra e, agora do seu cume, usufruirmos, pela primeira vez, de uma percepção mais

larga da vastidão e complexidade dos textos, da esfera privada e pública, resultantes de uma longa vida de intervenção intelectual, literária, política, religiosa e social.

Nas últimas duas décadas, muitos congressos, simpósios, seminários e exposições se fizeram, e muitas teses e livros se escreveram sobre o Padre António Vieira, recuperando-o totalmente de séculos de polémicas, dúvidas e algumas suspeitas sobre a dimensão e qualidade do seu património literário e cultural, gerados em tempos de crise e de incerteza no contexto de um país e de um império que se debatia para tentar sobreviver e viabilizar-se num mundo em profunda mudança.

A celebração, no espaço de uma década, das duas datas comemorativas, os Centenários da Morte (1997) e Nascimento (2008) de António Vieira, foi potenciadora de pesquisa, de novas abordagens e de um renovado interesse pelo universo deste autor. Contudo, em todos esses grandes eventos vieiranos, que se realizaram com grande ade-

são de estudiosos, muitos especialistas reclamavam a urgência imperiosa e a necessidade científica fundamental de, finalmente, se levantar e publicar a totalidade dos escritos de Vieira. Sem a concretização deste desiderato tentado durante 150 anos não se poderia colmatar uma das lacunas mais graves da herança cultural luso-brasileiras, nem avançar de forma inovadora e abrangente no conhecimento da complexidade da figura, do pensamento e das condicionantes contextuais de Vieira e do seu tempo.

A concretização com sucesso no século XXI desta empresa há muito esperada, envolvendo uma vasta equipa de especialistas do Brasil e de Portugal, com a edição em 30 volumes de todos os escritos atribuídos a Vieira que se furtaram ao pó dos arquivos de vários países, obriga os pesquisadores a olhar com uma visão renovada para este "Vieira Global" que lhes é dado a compreender. Além da sistematização anotada de todas as obras, foram transcritas milhares de páginas manuscritas

desconhecidas ou pouco conhecidas que obrigam a rever interpretações que o conhecimento apenas parcial da obra enviesara. À luz deste escopo, o Centro de Literatura Portuguesa, o CLEPUL e o IECCPMA, com o apoio do Círculo de Leitores e das Edições Loyola, editoras responsáveis pela publicação da *Obra Completa* de Vieira, uniram-se para realizar um Simpósio Internacional em ordem a revisitar Vieira hoje e atualizar o conhecimento deste autor e do seu século na relação com a complexidade de um mundo que então se globalizava.

Este Simpósio, aberto à participação de todos os interessados, será divulgado de modo especial entre professores e estudantes, que poderão com a participação neste evento científico fazer uma ação de formação intensiva sobre Vieira, mas também sobre a História, a Cultura, a Língua e a Literatura do período barroco.

Para mais informações consulte a página www.simposiovieira21.org

Congresso Internacional do Espírito Santo: Génese, Evolução e Atualidade da Utopia da Fraternidade Universal
Coimbra, 16 a 17 de Junho de 2016, Lisboa, 14 e 15 de Setembro,
Alenquer, 16 a 18 de Setembro

A esperança na possibilidade da construção de um futuro mais justo e mais fraterno que institua um mundo melhor está inscrita em todas as culturas humanas desde os tempos mais remotos. É uma aspiração que alicerçou a dimensão mais humanizadora da cultura e constituiu o móbil da elaboração de utopias que conheceram especial fortuna no milénio passado e que fecundaram o pensamento universal, especialmente desde a Modernidade.

O ano de 2016 merece ser salientado precisamente como um ano particularmente relevante para visitar a história do pensamento utópico português e internacional, pois assinalam-se marcos centenários de maior significado na relação com a esperança de uma palingenesia para a humanidade.

Uma das tradições mais fecundas e inspiradoras de construções utópicas que refundam a espera

da possibilidade de construção da fraternidade universal é a chamada corrente joaquimita do anúncio da Terceira Idade da História. O chamado Joaquimismo tem como matriz a teologia da História do monge calabrés Joaquim de Flora. A base da sua reflexão teológica alicerça-se numa exegese bíblica que procura um nexos concordacionista entre Antigo e Novo Testamentos assente numa interpretação particular da teologia trinitária na sua relação modeladora diferenciada da história humana. A esta luz a caminhada soteriológica da humanidade é entendida em linha evolutiva ascendente visando uma perfeitibilidade maior que se consumaria num último estádio do tempo terreno por graça especialmente da Terceira Pessoa da Trindade Divina – o Espírito Santo. A utopia da Terceira Idade, que atenderia ao ideal evangélico de paz, justiça, fraterni-

dade, santidade, relação mais íntima com Deus, paridade, indistinção de raças, nações e estatutos sociais, esteve na base da fundação das confrarias e das Festas do Espírito Santo que teriam tido a sua génese na Baixa Idade Média em Portugal. Estas celebrações festivas que ganharam projeção com a expansão portuguesa, persistindo vivas especialmente nas rotas globais das diásporas emigrantes açorianas e também madeirenses, são dadas como tendo origem em Alenquer e no gesto fundador da Rainha Isabel de Aragão, esposa de D. Dinis.

Para reunir, conhecer melhor e celebrar com os que se interessam pelas «tradições do Espírito Santo», têm-se de alguns anos a esta parte realizado regularmente congressos internacionais dedicados a este caleidoscópico campo temático tanto nos Açores, como no Brasil, na América e no Canadá.

A Câmara Municipal de Alenquer entendeu por bem promover pela primeira vez em Portugal continental, em parceria com a Confraria de Santa Isabel de Coimbra e em cooperação com o CLEPUL, o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, o Centro de História da Sociedade e da Cultura, e outras instituições científicas nacionais e internacionais, um grande congresso internacional do Espírito Santo. Este evento científico, sob o largo tema do Espírito Santo e a sua fecundação de utopias de concórdia, fraternidade, harmonia, paz e justiça sobre a terra, propõe-se também assinalar a passagem de cinco importantes datas centenárias que se interligam na esperança ativa da construção de um mundo unido e melhor: os 800 anos da chegada da Ordem Franciscana a Portugal; os 500 Anos da Beatificação da Rainha Santa Isabel; os 500 anos do Primeiro Compromisso Impresso das Misericórdias; os 500 anos da publicação da *Utopia* de São Tomás Moro e os

300 anos da criação do Patriarcado de Lisboa.

Este congresso decorrerá em 3 momentos: na Universidade de Coimbra, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Câmara de Alenquer.

Pretende-se, pois, que este congresso internacional seja um espaço de encontro fraterno e de partilha, que promova pesquisa e investigação aprofundada em torno das efemérides assinaladas e que, simultaneamente, possa dar a conhecer do ponto de vista da cultura popular o que se vive e se recria nas comunidades internacionais da diáspora portuguesa em torno das tradições do Espírito Santo.

Nos dias que correm, marcados por um profundo sentimento de crise e de incerteza em relação a um futuro de paz no mundo e de equilíbrio ecológico, revisitar a génese e a evolução da utopia da fraternidade universal as suas tradições e tentativas de concretização pode ajudar-nos a repensar a sua atualidade e inspirar-nos a projetar futuros possíveis fundados na esperança ativa de um

mundo mais justo e mais harmonioso. É essa a grande função da utopia, realizar a palingenesia: atualizar a esperança e afrontar a crise, o sentimento de depressão e de ruína moral e ética do presente para encontrar caminhos de superação e de progresso em favor do melhoramento da vida humana em harmonia e felicidade na nossa casa comum que é o planeta Terra; atualizar e recriar em cada tempo a utopia e a utopia inspirada nos valores humanizadores e plenificadores do Espírito Paráclito, contribuindo, assim, para uma reflexão sobre a cidadania do futuro.

Para mais informações consulte a página congressoespiritosanto.net/



**Luísa Marinho Antunes, *Creare la Parola, Creare il Mondo. Poeti lusofoni contemporanei. Con il saggio Multiculturalità e Lusofonia: la lingua in libertà*, Voghera, Libreria Ticinum Editore, 2015
ISBN: 978-88-9098-668-0**

«Quando, nel 2002, *Kamen'* *Rivista di Poesia e Filosofia*, mi ha invitato a tradurre e scrivere dei poeti del Portogallo, mi sono trovata a riflettere sulla responsabilità della scelta degli autori, che reputavo più rappresentativi della poesia portoghese contemporanea. Herberto Helder e António Ramos Rosa, a quel tempo con rare edizioni in italiano, ma con ampie pubblicazioni sul piano internazionale, mi sono parse subito due figure imprescindibili nella poesia moderna dopo Fernando Pessoa.

La redazione di *Kamen'* ha deciso di far conoscere altri autori del mondo lusofono, pure loro artefici della lingua portoghese, e che, in una vera fruizione della lingua, cercano nelle parole le voci di nuove sensazioni e percezioni, offerte dal loro mondo. Lingua trapianata, il portoghese diventa

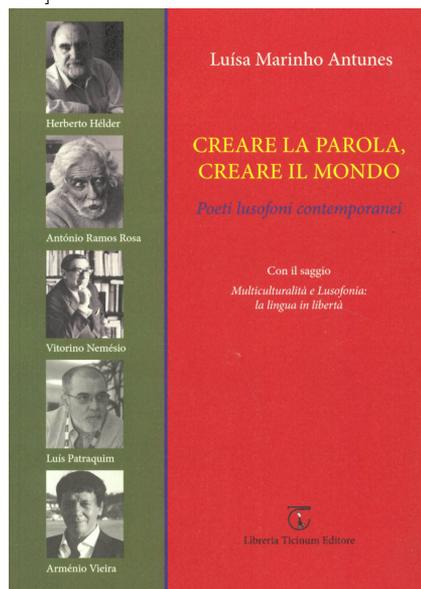
con i poeti lusofoni una geografia del corpo, rappresentante dell'anima, dell'essere mozambicano, angolano, capoverdiano, sud-americano...

Luís Carlos Patraquim, poeta del Mozambico, e Arménio Vieira, di Capo Verde, sono esempi dell'espressione/creazione di un vecchio-nuovo mondo, dove si incrociano cammini, uomini e affetti, il fisico e l'immaginario, e dove nulla viene cancellato, ma tutto si dà nella ricostruzione di un nuovo corpo.

Lo studio dei poeti lusofoni può aprire vie di riflessione sui poeti italiani e viceversa, consentendo di valutare le diverse tradizioni culturali e letterarie dell'Europa e raccontando molteplici dimensioni del fare arte, in un ripensamento dell'umano e dei suoi rapporti col mondo.

Poeti che pensano in maniera seria l'arte, la tec-

nica, i contenuti e che rispettano la responsabilità della parola, il suo peso nella contemporaneità, attraverso l'universalità e l'atemporalità delle diverse sfaccettature dell'esistenza. Poeti lusofoni e italiani. Poeti autentici.» **Luísa Marinho Antunes**
[texto retirado das badanas]



**Elisabeth Battista, *Maria Archer – O Legado de uma Escritora Viajante*, Lisboa, Edições Colibri, 2015
ISBN: 978-989-689-452-8**

A pesquisa de Elisabeth Battista sobre o percurso literário de Maria Archer, «uma escritora viajante» como lhe chamou a autora, desvelou uma produtiva transversalidade geográfica, discursiva e temática desde 1935, ano da sua primeira publicação, *Três Mulheres*. Ficcionalista com uma intensa participação nos jornais de Portugal, Brasil e das então colónias de Portugal em África, Maria Emília Eyrolles Baltazar Moreira foi uma cidadã atenta a questões socio-políticas. Nascida em Portugal (Lisboa), viveu também em Moçambique (Ilha de Moçambique, Niassa e Ibo), na Guiné-Bissau (Bolama e Bissau), em Angola (Luanda) e no Brasil (São Paulo), numa época em que a

questão colonial era perspectivada de forma positivista, estando a sua visão sobre África e o Brasil de acordo com a visão hegemónica e hierarquizante de cultura(s). É que claramente do movimento antifascista (Maria Archer pertenceu ao MUD e teve de se exilar no Brasil por causa da perseguição da PIDE), não se pode dizer, porém, que a escritora tivesse a mesma visão do colonialismo: Maria Archer é uma escritora que integra o *corpus* de literatura colonial portuguesa. Viajante espacial, Maria Archer foi também viajante de ideias e discursos, tendo cultivado várias modalidades textuais e genológicas (ficção narrativa, drama, literatura infanto-juvenil, crónicas, epístolas, en-

saio, biografias, reportagens). Este trabalho de Elisabeth Battista, agora à disposição de todos, vem tornar mais diversa e assertiva a contribuição da mulher portuguesa na luta contra o fascismo. [da introdução, *Inocência Mata*]



***Celebração do Tempo 2016. Calendário Inter-religioso*, Lisboa, Paulinas Editora, 2015**

«O ano de 2016 merece ser salientado precisamente como um ano particularmente relevante

para visitar a história do pensamento utópico português e internacional, pois assinalam-se marcos

centenários de grande significado na construção da fraternidade universal que faça vingar a paz so-

bre a Terra:

– Os 800 Anos da Fundação da Ordem Franciscana e da relevância dos Franciscanos na promoção das festas do Espírito Santo e da expectativa da chegada de uma era de paz e fraternidade universal entre os homens.

– Os 500 Anos da Beatificação da Rainha Santa Isabel, pelo seu exemplo de vida e de caridade cristã, modelar para a promoção do clima de paz, harmonia, concórdia e fraternidade, na esteira da espiritualidade franciscana, bem como pelo papel pioneiro que lhe é atribuído como patrona de tradições celebrativas e de confrarias do Espírito Santo, que tiveram a sua gênese na vila de Alenquer.

– Os 500 Anos do Primeiro Compromisso Impresso das Misericórdias, instituições que representem em Portugal uma moderna e original iniciativa prática de institucionalização da utopia da solidariedade e da fraternidade, herdeiras de experiências confraternais de origem medieval como as confrarias do Espírito Santo, mas exibindo

um pendor universalista, que representa e anuncia o advento de sociedades mais equânimes, solidárias e atentas aos mais frágeis e desprotegidos.

– Os 500 Anos da publicação da *Utopia* de Thomas More, que cunha o conceito que, desde então, serve para designar os projetos de uma vida em sociedade mais bem governada e harmónica, projeto ainda não concretizado, mas reconhecido como possível.

– Os 300 Anos da criação do Patriarcado de Lisboa que, de algum modo, significa o reconhecimento da centralidade de Lisboa no processo moderno de globalização do Cristianismo e do lugar de liderança que lhe foi atribuído pelo pensamento utópico português e também pela inauguração de uma nova ordem mundial em nome do ideal da fraternidade e da concórdia entre todo o género humano.

[...]

Ao longo deste calendário recordaremos especialmente alguns dos traços essenciais do pensamento universalista e humanista de Vieira, que tem muito a dizer-nos, a nós con-

temporâneos do século XXI, de forma a podermos responder aos desafios do nosso tempo. Para celebrar, com o pensamento harmonizador e fraterno de Vieira, o desejo de integrar harmonicamente em Portugal comunidades de diferentes proveniências culturais e religiosas, pedimos a alguns membros da equipa que está a fazer a tradução da *Obra Seleta de Vieira* para várias línguas, que traduzissem alguns dos seus mais belos e profundos pensamentos para diferentes idiomas. O calendário conta ainda com ilustrações de uma seleção de aquarelas, da autoria do pintor João Alvim, inspiradas nos grandes temas dos Sermões do Padre António Vieira.» [excerto da introdução de José Eduardo Franco]



**Francisco das Neves Alves, Reto Monico, *Desventuras de um imperador sem trono. A génese da República brasileira no olhar da imprensa satírica europeia*, Lisboa, CLEPUL, 2015
ISBN: 978-989-8814-18-0**

Este livro estuda a transição política brasileira da Monarquia à República sob o prisma da imprensa satírica europeia. A partir de discursos calcados na graça, na ironia e no olhar crítico, os jornais humorísticos europeus construíram suas versões acerca da mudança institucional no Brasil, não poupando a ninguém de seu olhar jocoso. Nesse quadro, o imperador decaído foi um dos alvos mais recorrentes de tal imprensa, aparecendo D. Pedro II nas

mais variadas e embaraçosas situações. A publicação traz um capítulo específico sobre os periódicos portugueses e outro no qual são analisadas caricaturas e pequenas histórias humorísticas de jornais espanhóis, franceses, suíços, alemães, austríacos, italianos, ingleses, belgas e espanhóis. As construções discursivas de tais folhas traduziram o significativo interesse que a transformação brasileira iria provocar no contexto europeu.



**José Eduardo Franco (dir.), Vítor Teixeira (coord.), *Dicionário – Família Franciscana em Portugal – Ordens e Outras Formas de Vida Consagrada*, Cascais, Lucerna, 2015
IBN: 9789898809131**

«O ideário de São Francisco de Assis e as mais diversas formas de espiritualidade, de modelos de pensamento e de ação, assim como de vida consagrada institucional que aquele ideal inspirou tem sido, sem dúvida, um dos

mais fecundos da história da Igreja Católica, em particular, e da cultura ocidental em geral. [...] O tronco da espiritualidade franciscana gerou, nestes oitocentos anos de história, várias ordens religiosas masculinas e fe-

mininas que reinterpretaram o legado espiritual do Pai fundador e o adaptaram a cada tempo através de modelos institucionais de vocação e configuração diversa. Primeiro o ramo masculino bipartido no ramo feminino da Or-

dem de Santa Clara. Depois vieram as reformas modernas e as derivações em ramos diversos, com fundações novas e fidelidades a novos fundadores que, todavia, tomavam por referência o Pai Francisco e o seu legado.

Contemporaneamente esta espiritualidade voltou a explodir no contexto da dinâmica carismática da emergência das diferentes metamorfoses da vida consagrada que formaram primeiramente as congregações, depois os institutos seculares e agora, mais recentemente, as novas comunidades de vida consagrada que proliferam na Igreja para dar resposta aos novos desafios das sociedades presentes. O sonho de Francisco de Assis continua a ser revisitado aqui e a fecundar estas novas formas de vida consagrada católica e de procura de Deus ao serviço dos mais pobres e da promoção de todo o Homem e do Homem todo. Este dicionário

específico pretende sistematizar o conhecimento actualizado sobre as instituições da vida consagrada que se enquadram na Família Franciscana, na medida em que todas elas brotam do dinamismo carismático iniciado por Francisco de Assis.

A presente edição acaba por ser um recorte especializado, embora em alguns aspectos melhorado e completado em termos de conteúdos e do ponto de vista gráfico, do trabalho desenvolvido para a edição do *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Destacamos a longa e competente introdução do coordenador desta edição especializada, Vítor Teixeira, exímio especialista na história franciscana, mormente no que diz respeito à sua relação com a História de Portugal. Importante referir a integração de novas entradas que não estavam patentes no dicionário global referido e

que merecem aqui um tratamento autónomo. Com efeito, encontramos neste dicionário entradas dedicadas a experiências de vivência franciscana distinta que ganharam uma certa institucionalização e existência autónoma em relação ao ramo em que se inscreviam e que, por isso, mereceram um tratamento à parte no quadro da sua presença em Portugal.» [excerto da apresentação de José Eduardo Franco]



Anjas do Nosso Mundo, Porto, Labirinto de Letras, 2015
ISBN: 978-989-99119-6-3

O apelo provém dos desenhos do escultor Francisco Simões sobre «anjas», essas figuras que o seu traço captou entre o mítico, o simbólico e o teológico.

Sete autoras escreveram em torno de três desenhos cada.

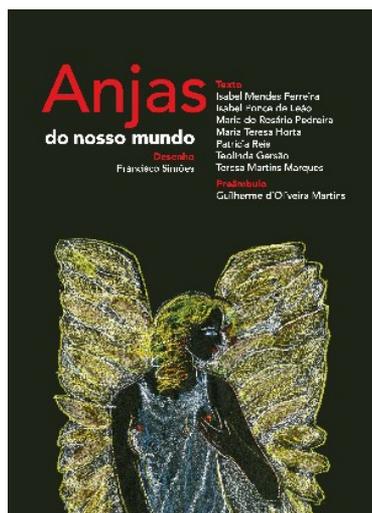
Autoras de primeira linha: Isabel Mendes Ferreira, Isabel Ponce de Leão, Maria do Rosário Pedreira, Maria Teresa Horta, Patrícia Reis, Teolinda Gersão e Teresa Martins Marques. Guilherme d'Oliveira Martins redigiu o preâmbulo, buscando encontrar no amor incandescente o fundamento para este encontro entre a Arte e a Escrita. «Ao vermos as obras de Francisco Simões aqui

dadas à estampa e ao lermos os textos que as completam, compreendemos que o artista e as artistas que o ilustram pela palavra nos vêm dizer que a realidade humana, etimologicamente de “húmus”, terra, é profundamente feminina, nas suas origens e força e na sua diversa complexidade...». Rui A. Pereira produziu mais esta obra, cujo grafismo encontra o ponto de equilíbrio que na Estética se convoca para que o livro se tenha tornado um objecto artístico valioso.

Anjas do nosso tempo foi apresentado no Porto, Galeria Baganha pelo Professor Catedrático da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto, Afonso

Pinhão Ferreira, perante uma vasta audiência.

No dia 2 de Novembro, foi apresentado na Biblioteca Nacional de Portugal por Maria João Fernandes.



Luiza Sawaya, Domingos Caldas Barbosa: herdeiro de Horácio.
Poemas no Almanak das Musas: Estudo crítico, Lisboa, Esfera do
Caos, 2015

ISBN: 978-989-680-155-7

Desacreditado pelos intelectuais que o viam apenas como cantador de mo-

das e encantador de plateias, Domingos Caldas Barbosa morreu sem rece-

ber o reconhecimento pela sua obra literária erudita. Nesta obra, Luiza

Sawaya realiza um estudo abrangente e inédito sobre a vida e a obra de Domingos Caldas Barbosa, procurando integrar o poeta na História da Literatura Luso-Brasileira, ao mesmo tempo que nos oferece um panorama dos acontecimentos literários e sociais do final do século XVIII em que este herdeiro de Horácio participou: a fundação da Academia das Belas Letras, a querela instigada por Bocage, a vigilância severa de Pina Manique, as caçadas e as festas dos nobres...

Esta obra constitui a primeira edição moderna da obra poética erudita completa deste autor, acompanhada de um estudo crítico detalhado dos seus quarenta e um poemas, alguns considerados anónimos. Foram pela primeira e única vez publicados no *Almanak das Musas*, em Lisboa, em 1794. Aos que pensam conhecer Caldas Barbosa como o mulato tocador de viola e sedutor de senhoras, este livro apresenta-o como um poeta de admirável cultura e grande dignidade. Aos que dão razão aos

seus ácidos detratores, liderados por Bocage, este livro mostra que ele foi um inovador na transição do Arcadismo para o Romantismo.

«As composições do poeta luso-brasileiro Domingos Caldas Barbosa dispersas pelos quatro volumes do *Almanak das Musas*, editado em Lisboa nos longínquos anos de 1793 e 1794, foram reunidas e analisadas por Luiza Sawaya neste livro que tem, como era comum no Setecentos, um extenso e explicativo título: *Domingos Caldas Barbosa: herdeiro de Horácio. Poemas no Almanak das Musas: estudo crítico*. Primorosamente construído e redigido, o livro teve a sua génese na dissertação de mestrado em Estudos Românticos que, intitulada *Domingos Caldas Barbosa para além da Viola de Lereno*, a autora apresentou, em 2011, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A coleta de dados importantes em documentação citada pela primeira vez possibilitou à Luiza Sawaya ultrapassar a es-

cassa e nem sempre fidedigna informação sobre a vida do escritor, e reconstruir-lhe a existência a partir da infância, passada no ambiente popular do Rio de Janeiro, onde a sua mente se impregnou de lundus e modinhas que não só inspiravam a *Viola de Lereno*, sua obra mais conhecida, mas ainda o tornaram repentista de garantido sucesso nos saraus da elite lisboeta da sua época. Nas vivências de Caldas em Portugal – para onde veio com o frustrado desejo de estudar na Universidade de Coimbra – prende-se a atenção da investigadora, que analisa tanto os seus desaires, quanto a sua boa sorte, devida sobretudo à proteção de José Luís de Vasconcelos e Sousa, que o albergou no Palácio da Bemposta, até ao seu falecimento. Dentre as interessantes curiosidades da biografia intelectual do escritor apontadas no livro contam-se as sessões em que ele semanalmente recebia nos seus aposentos do Palácio da Bemposta, os árcades da referida

Academia que, após laudo almoço, declamavam os seus poemas, tal como o próprio hospedeiro, que se fazia acompanhar pela sua viola, o registro da sua filiação à Arcádia Romana, a sua 'parceria' com compositores portugueses, o seu libreto para a farsa dramática *A Sa-loia Namorada* ou *O Remédio é Casar*, tida como a primeira ópera em língua portuguesa. Junta-se a esta síntese biográfica sucinto e esclarecedor comentário de textos que Lerenó escreveu, ao longo da vida, entre os quais incluem-se poemas avulsos, textos dramáticos e traduções, na sua generalidade pouco conhecidos ou citados.

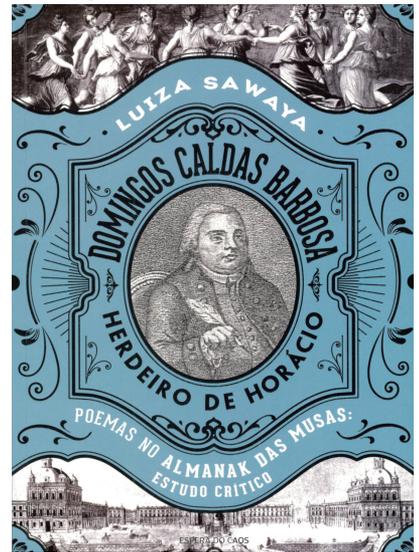
Mostrando que Domingos Caldas Barbosa enfrentou a contestação de alguns de seus pares, que, liderados por Bocage, invejariam o seu êxito nos salões da elite e que poucas linhas de apreciação positiva a seu respeito foram deixadas pelos seus contemporâneos, a autora alinha provas de que esse

desapreço atravessou o século XIX e chegou até aos nossos dias. Considera ainda que, mesmo no meio universitário, Caldas é tido apenas como 'o poeta das modinhas e tocador de viola' ou, mais preconceituosamente, como 'o poeta mulato'. Raramente encontra leituras divergentes, mas nenhuma com a análise integral da sua obra, que entende pertencer tanto ao Brasil quanto a Portugal, visto que "a *Viola de Lerenó* evidencia o espírito brasileiro, enquanto o *Almanak das Musas*, de gosto clássico, o português".

[...]

O estudo do *Almanak das Musas* realizado por Luíza Sawaya principia com a atribuição a Caldas Barbosa de alguns poemas que nele aparecem anônimos, elevando para quarenta e três a soma das suas composições, e tem como objetivo maior a comprovação de que ele possuía respeitável cultura e profundo conhecimento histórico, não

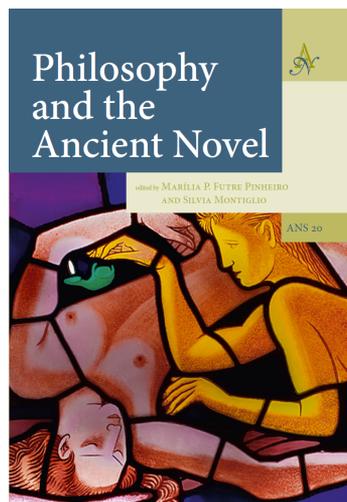
lhe cabendo por isso a ideia generalizada de que era um poeta menor. Os seus textos, publicados e largamente anotados na segunda parte do volume, são minuciosamente analisados e agrupados em quatro conjuntos, a que se atribuem as seguintes designações: artes poéticas, poemas líricos, textos de circunstância, composições dedicadas a festejos.» [excerto do prefácio de Vania Pinheiro Chaves]



**Marília P. Futre Pinheiro e Sílvia Montiglio (ed.), *Philosophy and the Ancient Novel*, Eelde, Barkhuis, 2015
ISBN: 9789491431890**

The papers assembled in this volume explore a relatively new area in scholarship on the ancient novel: the relationship between an ostensibly non-philosophical genre and philosophy. This approach opens up several original themes for further research and debate. Platonising fiction was popular in the Second Sophistic and it took a variety of forms, ranging from the intertextual to the allegorical, and dis-

cussions of the origins of the novel-genre in antiquity have centred on the role of Socratic dialogue in general and Plato's dialogues in particular as important precursors. The papers in this collection cover a variety of genres, ranging from the Greek and Roman novels to utopian narratives and fictional biographies, and seek by diverse methods to detect philosophical resonances in these texts.



**Bernardette Capelo-Pereira, *Arte e Natureza na Obra de Albano Martins*, Lisboa, Chiado Editora, 2015
ISBN: 978-989-51-4310-8**

«A matéria e o mistério de que se constitui o corpo figural da escrita de Albano Martins são recolhidos numa topografia imaginária em que a Natureza, sob todas as suas formas, é matricial. O olhar, a percepção, e os dinamismos vitais que as imagens transportam, trazem sempre em si próprios modelações e modulações

que os enraizam na imaginação, na cultura e na arte.» [da contracapa]



CLEPUL em Revista só regista obras que tenham sido oferecidas à biblioteca do Centro

**Jonuel Gonçalves, *A Ilha de Martim Vaz*, Luanda,
Mayamba, 2015
ISBN: 9789897610486**

...«alguém escreva uma apresentação geral deste número», lê-se na página 142 deste *A Ilha de Martim Vaz* de Jonuel Gonçalves, e tudo começa a fazer um sentido que escapa à primeira leitura do livro com as suas inúmeras chamadas ao tempo (tempos), aos lugares, às falas (distingo aqui falas e vozes) que se alinham para contar de um universo saturado de História com o seu peso específico, na medida em que vemos ser tratado o século XV, o XIII, o XXI e o que desliza entre eles para em segredo se constituir urdidura e texto a descobrir e revelar. E é precisa uma ilha onde se não fosse estrela imóvel e centro do universo, nasceria e se poria o sol, desabitada de pessoas, mas coberta de minerais raros santa maria esmeralda, para tomada como título, permitir a triangulação de tempos, espaços e rotas que atravessam e se nos atravessam na história e na memória para

reconstituir viagens e encontrar mapas do tesouro que ligam os continentes e o mar na história e com a história privada de grandes amores e suas estratégias, ordem, desordem, dimensão trágica e ainda (ou sobretudo) a dimensão da vida e de como ela se renova.

Só o romance pode seguir os traços de um conjunto de papéis, perdido e achado nesses encontros com o tempo que como os amores, podem não acontecer pactos que não se cumprem, protocolos de leitura que esquecemos muito antes de as folhas velhas nos queimarem as mãos. Ao longo de gerações a tensão entre ler e saber, análise e discurso e construção da história cresce toda ela cheia de lacunas, de não ditos tentados por aproximações, teses imperfeitas onde a academia se revê incapaz de assumir uma história verdadeira escrita na areia ou guardada em manuscritos incompletos. Os lugares de que fala o

autor podiam ser os não lugares do filósofo, mas não, têm nomes e uma cartografia desenhada muito antes de esta história começar. Niamey, Rio de Janeiro, Luanda, Havana são lugares da história mais antiga de camelos e barcos e são também lugares onde a vida acontece todos os dias.

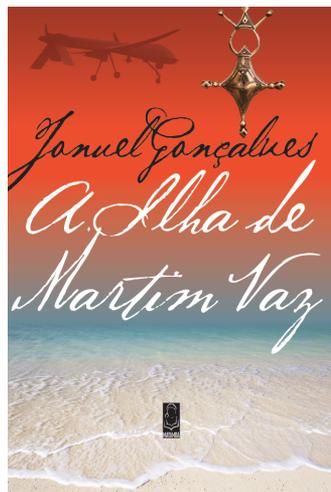
Sabemos que a lista de lugares é escolhida com o propósito de iluminar a história, de falar de guerras ganhas e perdidas, de vitórias sobre o mal ou abandono e destruição. Trata-se de mostrar o lado sombrio da história e ao mesmo tempo quem conspira na sombra contra as sombras e aspira sempre e em todos os lugares pela paz a ordem e o amor. As rotas dos escravos estendem fios por Luanda, Benguela, Tombuctu ou Sigilmansa, a aprazível, S. Luís do Maranhão, Caiena ou Bordéus. Tratados, convenções, fortes, companhias, piratas e flibusteiros, viúvas podero-

sas lutaram pelo controlo dos espaços, dos ouros da terra e dos homens e mulheres vendidos como escravos. As rotas do Sahara como as dunas moveram-se mais para sul e o oceano Atlântico uniu as margens sobrecarregado de bens preciosos (minerais e pessoas). Do que não reza a história é das paixões que unem homens e mulheres de origens diferentes, anotadas com minúcia em manuscritos truncados como a história de Ygal de Ceuta e Aisha de Tânger e sua incrível e maravilhosa viagem por «terras de além-mar e além-areias». Lugares de maravilhamento todos eles, ou não lugares surpreendidos em 2013 na sua transformação em cidade onde agonizam utopias e tempos da sobre modernidade. Havana com a

sua beleza decadente e frágil esconde a tristeza ao som recuperado de Buena Vista Social Club. Luanda, Loanda, Luuanda vive estes dias de brasa, cinzas e fome disfarçada a resolver o esquema da sobrevivência. É aqui que se oferecem e retiram identidades, cartões, legitimidades, pois «as coisas nunca são como dantes», tudo se transforma, nada se eterniza. E é na cidade que Lina (outro amor que atravessa a história) procura o papel da sua identidade, a prova que a autoriza a ser dali e não de outro lado. O difícil é conseguir, sem gasosa, requerimento e esquema. Como disse o sábio Amin Malouff, no seu *Identities Assassinas*, é difícil quando se é um ser de fronteira ser reconhecido como um eu ou um outrem...

Assim, e com a ciência de quem ouviu os velhos, leu os manuscritos e se sentou para escrever se constrói este romance que não precisa de chave (nem da cruz de Agadez), é só ficar atento às grandes paixões que transbordam das páginas e se resolvem no tempo que as comporta.

Ana Paula Tavares



**Daniel Pires, *Bocage, a Imagem e o Verbo*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2015
ISBN: 978-972-27-2337-4**

Bocage a Imagem e o Verbo propõe-se dar a conhecer as linhas de força

da poesia, da biografia e da receção de Bocage, através da revelação de

algumas facetas desconhecidas deste complexo autor que a tradição se

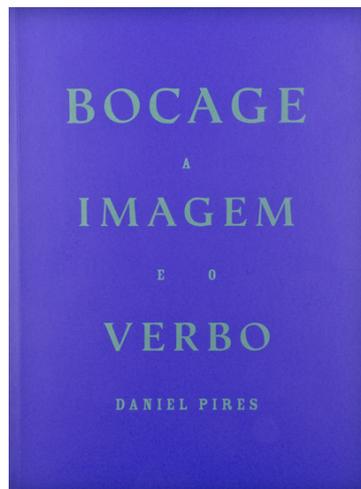
encarregou de transformar num mito. Para tanto contribuiu o abundante material iconográfico aqui reunido, e organizado em quatro grandes temas essenciais: a época, a vida, a poesia e a posteridade do poeta.

Manuel Maria Barbosa do Bocage foi uma das mais complexas e notáveis figuras do Iluminismo em Portugal. Autor versátil de múltiplas formas de poesia, dramaturgo e tradutor rigoroso, Bocage entrou em colisão declarada com a estética literária estabelecida, com a moral mais conservadora e com a hipocrisia dos costumes, tendo sido particularmente reconhecido e apreciado entre as classes letradas do seu tempo.

Se, por um lado, semeou inúmeros conflitos, por outro, alcançou ampla simpatia junto dos leitores seus contemporâneos. Gozando de grande popularidade em quase todos os meios sociais, Bocage foi repetidamente invocado na literatura, nas artes plásticas, na música, no cinema, no teatro e até na publicidade. A sua escrita irreverente e as contundentes intervenções públicas tornaram-no uma referência para várias gerações de portugueses.

As Comemorações dos 250 Anos do Nascimento de Bocage, que decorrem em Setúbal entre setembro de 2015 e setembro de 2016, constituem o enquadramento ideal para o surgimento desta belís-

sima obra da responsabilidade do investigador bocageano Daniel Pires, que é também presidente da direção do Centro de Estudos Bocageanos e membro da comissão científica das comemorações.



António Quino, *A República do Vírus*, Lisboa, Texto Editores, 2015

«Criar é um caminho para definir a arte.
Politizar é um caminho para definir os homens»

António Quino – *A República do Vírus...*

Nascido em 1971, António Quino foi um dos fundadores da Brigada Jovem de Literatura do Namibe e do seu jornal *O farol*,

projecto literário onde a então nova geração dava corpo às suas aspirações literárias. Professor e especialista do ensino da

língua, António Quino tem vários trabalhos publicados sobre a importância da educação e do conhecimento. Assim, e

conhecedor do seu ofício, cria esta *República do Vírus* onde, sobre a «cidade perfeita», se movimentam os homens e as mulheres da RUM (ou seja a República Unida da Mulumba), onde a verdade nem sempre é aquilo que é e a mentira invade os dias como estratégia para sobreviver na cidade justa, onde os modelos culturais e de vida são para ser inventados numa estratégia bem gizada pelos «partidocratas» e seus seguidores, num sistema onde os líderes fundadores têm lugar permanente e vitalício desde que não contrariem as especiais teorias de governação e exercício do poder do PIM-PAM-PUM – o partido das ideias mobilizadoras de progresso e de Acções para a mudança, cujo estratega principal, Zuão Xipululu, o Introcável, verdadeiro protagonista desta obra, gizou para alegria do príncipe e dos poderosos da República Unida da Mulumba. Apropriação, enriquecimento ilícito, compromissos, distribuição de benesses pela família são características de alguns

homens que governam a Mulumba, situação a que convém estar atento, porque as crises existem e as situações de ostracismo são frequentes. A tradição muda todos os dias na República da Mulumba.

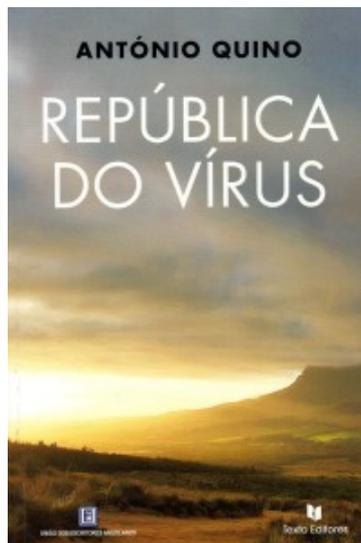
Deixando insinuar uma fina ironia, expressa por uma linguagem onde a oralidade, as expressões do quotidiano se fazem presentes, o autor propõe uma linha de sentidos muito alargada numa ponte entre passado e presente, entre ficção e realidade: «Aliás, *República do Vírus* não deve ser apenas uma história, pois virtualmente são luzes sobre vivências em que cada um, leitor, personagem e actor, se pode (re)encontrar ou rever», diz-nos António Quino, convidando-nos assim para o sentido mais aberto da leitura entre ficção e realidade ou, se preferirem, entre uma realidade que pode ser ficcionada. E não há ameaça maior, perigo maior que encontrarmos nos livros as metamorfoses dos nossos piores medos.

Zuão Xipululu é ou po-

dia ser o «homem sem qualidades» de que nos fala Musil, alguém cujo carácter (*Éthos*) se adequa a todas as circunstâncias, alguém que se serve de Santo Agostinho, ou Agostinho de Hipona (como nos lembra o autor a páginas 38 do livro) quando a filosofia do não e a retórica do sujeito que vive, pensa e analisa são cruciais ao entendimento da vida verdadeira do partido que tudo vê e governa. Sabedor e informado, Zuão Xipululu inspira-se nos gregos (Clístenes, o fundador da Democracia ateniense, é claramente mencionado) para basear as suas noções de democracia, que, como todos sabemos, não basta ser governada por um grupo de escolhidos (vá lá, eleitos), mas que podiam ser exilados por indicação dos chefes, afastados por conveniência de serviço. A tudo sabe responder: ao processo eleitoral e às suspeições de fraudes; ao uso da teoria do parentesco como forma de ascensão social, à justificação sobre planos, projectos e futuro. Veja-se a entrevista que

concede o Introcável ao jornal *Makando*, onde a agenda deste político que subiu «pelos seus próprios meios» fica toda exposta. Revolucionário enquanto jovem, dobra-se aos superiores interesses da nação e do partido e à sua perpetuação do poder com a sua perene sedução de conduzir os homens e as mulheres e instituir um universo onde pessoas crescem, entram, saem e são esquecidos. Um vírus com características particulares perturba a República, é preciso domesticá-lo, nacionalizá-lo, pois não há re-

médio nem do feitiço, nem das novas igrejas, que o possa compreender. O imperturbável Introcável, ou seja, Xipululu, disso se vai encarregar, embora se esqueça de reverenciar o líder e fazer dele as suas palavras. O afastamento (ostracismo), feitiço contra o feiticeiro, vira-se contra ele. Ou será que o sonho, que comanda a vida, será a instância de salvação? A todos vocês o convite para a leitura de *República do Vírus* e a decifração deste enigma final. Qual a resposta da esfinge? **Ana Paula Tavares**



Revista de Estudos de Cultura, São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe
ISSN: 2446-7189

A *Revista de Estudos de Cultura* da UFS é um periódico do Núcleo de Estudos de Cultura da UFS, Pólo autónomo internacional do CLEPUL, que foi criado com o intuito de congrega pesquisadores das grandes áreas de Ciências Humanas, de Ciências Sociais e Aplicadas e de Letras, Linguística e Artes, para que,

numa relação recíproca e não hierárquica de trocas e empréstimos, possam romper-se as limitações disciplinares que dificultam perspectivas renovadoras de reflexão sobre a cultura moderna e contemporânea, com ênfase no estudo de seus aspectos organizacionais e representacionais.

«Neste primeiro número

da *Revista de Estudos de Cultura*, apresentamos ao público nove artigos escritos por especialistas de várias instituições do país sobre o tema das Culturas em Negativo. O primeiro deles, Anticapitalismo, escrito por Emerson Neves da Silva, é um estudo sobre os novos movimentos sociais que atualmente são a expressão mais incisiva do

anticapitalismo, pois congregam sujeitos históricos baseados na democracia participativa e na desconstrução da sociedade capitalista. O segundo, o Anticristianismo no Brasil, da autoria de Rogério Luiz de Souza e Edison Lucas Fabrício, analisa as manifestações e práticas de anticristianismo na História do Brasil, do século XVIII ao século XX. Antifeminismo, de Maria Helena Santana Cruz e Alfrancio Ferreira Dias, reflete sobre o Antifeminismo como objeto analítico na cultura brasileira, na tentativa de contribuir para minimizar a lacuna sobre o tema existente na produção do conhecimento. O Antifrancesismo no Brasil, de Maria Regina Barcelos Bettiol, estuda as origens do Antifrancesismo em nosso país, defrontando-nos com um discurso que paradoxalmente sempre coexistiu com a apologia ao francesismo em suas expressões sociais, culturais, políticas e literárias. Antilusitanismo, de Carolina P. Fedatto, contrapõe o aparecimento das palavras lusismo e lusitanismo à formação de conceitos,

ideias e pontos de vista sobre isso que seria propriamente luso na história das relações entre as línguas. Antilusofonismo, de Jair de Almeida Junior, trata do Antilusofonismo como uma resistência à Língua Portuguesa, sendo um fenômeno tão antigo quanto a própria colonização realizada por Portugal.

Em Antimaniqueísmo, Jean Pierre Chauvin explica que, ao se posicionar de modo Antimaniqueísta, o homem passou a contrariar um modo estreito de sentir, pensar e condenar: atitudes que caracterizam as pessoas adeptas de dogmas, ideologias e demais sistemas prévios de regramento. Em o Antimedievalismo no Brasil, Thiago Borges de Aguiar busca construir uma análise sobre a ocorrência do antimedievalismo no Brasil, concebendo-o como um conjunto de narrativas nas quais a Idade Média é vista como uma realidade histórica de um período de trevas, violência, ignorância e domínio da Igreja Católica. Em As mútuas negações do criacionismo e do evolucionismo: suas

origens e efeitos na cultura contemporânea, José Claudio Matos investiga a mútua oposição entre o antievolucionismo e o antitricriacionismo, na medida em que estes se constituem como cosmologias, e explora as possibilidades de um diálogo ou interação profícua entre tais visões, amenizando o aspecto negativo de ambas atitudes.» [excerto do Editorial, nº 1]

«Neste segundo número da *Revista de Estudos de Cultura*, daremos continuidade ao dossiê Culturas em Negativo, com nove artigos que também comporão a versão brasileira do *Dicionário dos Antis: a cultura brasileira em negativo*. O texto de abertura Antihomossexualidade é assinado por Luiz Mott, Professor Titular da Universidade Federal da Bahia e Decano do Movimento Homossexual Brasileiro. Através da Etno-história, o autor resgata as pistas relativas à gênese e significado da intolerância anti-homossexual em nossa sociedade, evidenciando o quanto a homofobia tem suas raízes finca-

das na tradição judaico-cristã, que desde cedo percebeu o caráter ameaçador, político e revolucionário do amor e sexo entre dois machos ou duas fêmeas, castigando a homossexualidade como crime abominável e o mais detestável de todos os pecados.

Em *Antiteylorismo*, Antonio Bosco de Lima, Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, problematiza o taylorismo como uma corrente da organização do mundo do trabalho que buscou, por meio de técnicas idealizadas, mensuradas, planejadas e instituídas nas fábricas, otimizar as tarefas, levando os operários a produzirem mais, com menor custo, a concretização da eficiência, concluindo que, apesar de todas as resistências e de formas variadas que se constituem em antitaylorismo, alguns de seus elementos permaneceram em movimentos contemporâneos como o pós-fordismo e o tayotismo, por conta da intensificação das condições de exploração da

força de trabalho e do controle patronal do processo de trabalho.

O terceiro artigo deste número, *Antiateísmo*, é assinado por Jean Pierre Chauvin, Professor de Cultura e Literatura Brasileira do Departamento de Jornalismo da Universidade de São Paulo. Tendo já colaborado com o texto intitulado *Antimachismo*, publicado no primeiro número da REVEC, dessa vez o autor aborda questões relacionadas à diferença, à tolerância e à crença, motivação religiosa, fazendo ver que céticos em geral, e ateus em particular, são os principais alvos das ressalvas promovidas pelos antiateístas.

O *Antijesuítismo* no Brasil é assinado por Edgard Leite, Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Membro Titular da Academia Brasileira de Filosofia. Neste artigo o autor mostra como, mesmo desempenhando um papel central na montagem da sociedade colonial, os jesuítas foram, desde os primeiros momentos, alvo de diferentes

correntes econômicas e políticas que os entenderam como um obstáculo ao desenvolvimento de uma sociedade mais competitiva e livre de sua tutela. Em *Antirracismo*, Frank Marcon, Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, faz uma reflexão sobre o uso e os sentidos do vocábulo antirracismo, principalmente nos países de Língua Portuguesa. A proposta do artigo é perceber em que contextos o antirracismo é e foi utilizado em oposição às noções de racismo, dando centralidade aos seus usos no Brasil, mas também analisando-os nos países africanos de Língua Portuguesa e em Portugal.

José Rodorval Ramalho, também Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, assina *Antimachismo*. Neste artigo, o autor propõe que o antimachismo brasileiro, já observado no século XIX, apresenta um ideário importado, ainda que mais ou menos aclimatado ao

ambiente local. Assim, as controvérsias antimacônicas são assumidas pelos católicos, seguindo as determinações de Roma; pelos protestantes, seguindo denominações estrangeiras; pelos comunistas, acompanhando as orientações da III Internacional; pelos integralistas, a partir de um espírito nacionalista inspirado no fascismo italiano.

Hume: naturalismo como antirracionalismo? é um artigo assinado por Andrea Cachel, Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nele, a autora analisa em que medida a filosofia de Hume dialoga com a definição tradicional de conhecimento, traçando um caminho alternativo sobretudo em relação à noção de justificação das nossas crenças epistêmicas e morais mais relevantes. Seu objetivo é explicar o modo como o naturalismo humano é também antirracionalismo e como ele subverte a própria imagem que a história da filosofia esta-

beleceu para o que seja o filosofar.

Maria Amélia Santoro Franco, Professora da Universidade Católica de Santos e Pesquisadora 2 CNPq, assina Antipedagogismo, artigo que busca identificar, na história da pedagogia, alguns movimentos que podem ser considerados como antipedagogistas, configurando-se como contraposição às doutrinas vigentes da época, na Europa e no Brasil. A autora conclui considerando que os movimentos antipedagogistas funcionaram como alavancas para a transformação das práticas pedagógicas e que devem ser compreendidos na perspectiva da totalidade, como sínteses de múltiplas determinações. O segundo número da *Revista de Estudos de Cultura* finaliza sua edição com Antinacionalismo, assinado por Sílvia V. Frota, Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Lisboa e Doutoranda em Análise do Discurso na mesma instituição. Nele, a autora

faz uma reflexão sobre os processos de construção discursiva dos nacionalismos na Europa. O contexto brasileiro é destacado, assim como o papel da negação e do antagonismo na elaboração dos nacionalismos e dos antinacionalismos. O enquadramento teórico-metodológico adotado é o dos estudos de cultura, com especial ênfase nas teorias de identidade desenvolvidas por Stuart Hall e HomiBhabha.» [Editorial, nº 2]



Gatologia: Antologia Multilingue e Interdisciplinar sobre Gatos que Marcaram as Culturas do Mundo, de Anamarija Marinović

Este livro foi inicialmente pensado como uma homenagem a Fialho de Almeida e à sua obra-prima homónima em seis volumes, visando ser uma obra de extensão relativamente reduzida, concentrando-se apenas na análise dos aspectos principais de *Os Gatos* deste brilhante autor português. Foi na altura do Congresso Internacional Portugal no Tempo de Fialho de Almeida (1857-1911), que, seguindo a proposta da Professora Annabela Rita, decidi ampliar a minha perspectiva de investigação e relacionar de alguma forma este escritor com a minha pesquisa desenvolvida ao longo dos estudos de Mestrado e Doutoramento, que se insere no domínio do folclore e cultura popular, e acrescentar-lhe também uma dimensão ibérica e eslava. Foi assim que o meu plano primordial começou a ganhar novas perspectivas analíticas, e a debruçar-se sobre diferentes aspectos do conhecimento humano, que

tinham como fio condutor, como leitmotiv ou como tema principal, o gato. Daí, o nosso enfoque pretender abranger várias disciplinas científicas e não apenas a literatura, como se podia esperar. Desde o gato na ciência, a sua simbologia em diversas culturas, investigando crenças, superstições, representações deste animal em diferentes imaginários culturais (desde o Egipto, em que o animal em questão é considerado quase sagrado, até aos países budistas, em que não se lhe atribui quase nenhuma importância, porque o gato, conjuntamente com a serpente, não se mostrou triste pela morte de Buda), passando pelas manifestações do gato na linguagem popular (comparações, expressões idiomáticas e provérbios), continuando a nossa análise com o gato em outros géneros folclóricos (adivinhas, piadas, fábulas, lendas, contos de fadas, cantigas populares). Neste nosso esforço, já reuni-

mos suficiente material para um livro, porém, conhecendo o vasto leque de escritores, artistas, cineastas, compositores, pintores e outros eruditos que dedicaram as suas obras a gatos ou foram inspirados por eles (indiferentemente de terem possuído ou não estes animais), decidimos que a nossa investigação não poderia apenas permanecer no domínio do folclore, e resolvemos abordar as obras e autores eruditos que de alguma forma foram marcados pelos gatos, utilizando-os como metáfora ou como a representação de um gato real, animal de estimação com que estiveram em contacto, e que mereceu uma eternização numa obra de arte. De entre os autores abordados, na nossa investigação figuras como José Régio, Fernando Pessoa, Vasco Graça Moura, Nuno Júdice, Edgar Allan Poe, T. S. Eliot, Tennessee Williams, Stefano Beni, Italo Calvino, Charles Perault, Jorge Amado, Mihai Emi-

nescu, Danilo Kiš, Mihail Bulgakov, Günter Grass, Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez, Frida Kahlo, Paul Klee, Pablo Picasso, Frederic Chopin, Franz Liszt e outros mereceram o seu lugar. Para enriquecermos a nossa investigação, resolvemos aproveitar o domínio de várias línguas (português, espanhol, italiano, inglês, romeno, russo e sérvio, nossa língua materna), e esta estratégia foi-nos sobretudo útil na parte referente à linguagem, provérbios e expressões idiomáticas, áreas em que encontramos diversos equivalentes, que nos serviram para uma análise comparada do material recolhido, referindo-nos a particularidades culturais reflectidas na forma de pensar e expressar dos diferentes povos do mundo. Nas restantes áreas abordadas, a análise e a investigação das obras foi realizada em português, sendo os exemplos e excertos das obras propositadamente deixados nas línguas originais. Se os leitores dominam alguma delas,

poderão desfrutar da leitura das vozes originais dos seus autores, e, se não, poderão ficar com alguma curiosidade, que, no caso da aprendizagem, não mata gatos...

Tal como na parte dedicada à cultura popular, reservámos uma secção ao estudo dos provérbios em várias línguas e culturas, fizemos o mesmo com a cultura erudita, destinando algumas reflexões a aforismos da autoria conhecida, como um possível equivalente da sabedoria popular. Destacamos, neste sentido, um dito sentencioso de Winston Churchill: *I like pigs. Dogs look up to us, cats look down on us. Pigs treat us as equals* («Gosto de porcos, os cães olham para nós com admiração, os gatos olham para nós com desprezo. Os porcos tratam-nos como iguais.»), que reflecte, ao mesmo tempo, um certo cinismo britânico do seu autor, e a atitude auto-suficiente dos gatos. Nos capítulos posteriores, dedicámos a devida atenção à literatura, quer para crianças, quer para adultos, subdividindo a

investigação por géneros literários (poesia, prosa, teatro), para continuarmos a nossa análise com a presença dos gatos no cinema, desenhos animados e banda desenhada, televisão, pintura, música. A partir destas áreas, o princípio multilingue já não se aplica, sendo que nos foi impossível encontrar suficiente material diversificado para cada uma das secções. Decidimos também enumerar alguns factos curiosos sobre gatos (o gato mais velho, o gato clonado, o número de ossos no corpo felino), de forma a interessar os diversos públicos pelo gato, a sua vida e comportamentos. O "Dicionário Felino", a nosso ver, é a parte pedagógica deste livro, apresentando-nos apenas uma pequena amostra de vocabulário referente a este animal, os seus hábitos, formas de mostrar afectos, características físicas (o bigode, as patas, a cauda), e «psicológicas», a independência, a ternura, a sensualidade, a curiosidade.

Quando começámos a escrever esta obra, na

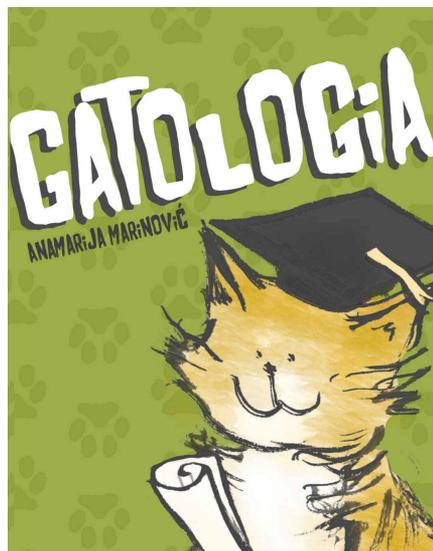
conversa com uma amiga mencionámos que se tratava de «um livro sobre gatos», ao que a nossa interlocutora respondeu que pensava tratar-se de um livro para crianças, e ofereceu-se para o ilustrar. Não o sendo na totalidade (embora haja exemplos de magníficos felinos a protagonizarem a literatura infanto-juvenil, como o célebre Gato das Botas ou Cheshire Cat de *Alice no País das Maravilhas*), aceitámos a proposta, sobretudo por causa das expressões idiomáticas nas línguas diferentes do português. Por isso, não vos admireis com a imagem de um gato a tossir (ilustrando a expressão sérvia «maèiji kašalj» (tosse de gato), que significa a ex-

trema simplicidade de um fenómeno, ou de uma gata perfumada, simbolizando a sedução feminina, ou ainda de uma gata egípcia, com o traje de faraó, ou da «personagem principal» e simultaneamente narrador da nossa história, um gato académico, Professor Doutor Frederico Gatovich von Miau, «gatologista de nascença, profissão e vocação», frutos da nossa imaginação e da criatividade da jovem ilustradora sérvia Katarina Radiæ, que deu uma nota divertida a um livro científico, não lhe retirando nada da sua seriedade.

Para teminarmos, diremos apenas que «aqui há gato», com todas as possibilidades interpretativas desta expressão,

esperando ter suscitado a curiosidade dos leitores, que poderão encontrar o livro no formato Kindle, disponível na Amazon.

Boa leitura e muita curiosidade felina! **Anamarija Marinović**



APRESENTAÇÕES DE LIVROS

24 de Setembro

Embaixada de Portugal (Bruxelas): *Sir Fernando Pessoa. O Relógio de Bolso que Esconde uma História*, de Maria Antónia Jardim, apresentado por Nassalete Miranda FNAC Norte Shopping; *História Prodigiosa de*

Portugal. Volume II. Magias & Mistérios, de Joaquim Fernandes, apresentado por Luís Portela

28 de Setembro

Fundação Professor Fernando de Pádua (Lisboa): *Maria Archer – O Legado de uma Es-*

critora Viajante, de Elisabeth Battista, apresentado por Fernando de Pádua, Olga Archer, Rita Gomes, Manuela Aguiar e Dina Botelho

30 de Setembro

Faculdade de Ciências Humanas da Universi-

dade Católica Portuguesa (Lisboa): *Redenção e Escatologia: Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, coordenado por Samuel Dimas, Renato Epifânio e Luís Lóia

9 de Outubro

Livraria Desassossego (Lisboa): *Arte e Natureza na obra de Albano Martins*, de Bernardette Capelo-Pereira, apresentado por Fernando Martinho

13 de Outubro

Auditório JJ Laginha (ISCTE-IUL): *A Ilha de Martim Vaz*, de Jonuel Gonçalves, apresentado por Ana Paula Tavares

17 de Outubro

Convento de São Francisco (Alenquer): *Dicionário Família Franciscana em Portugal*, direcção de José Eduardo Franco e coordenação de Susana Alves-Jesus e Vítor Teixeira, apresentado por Vítor Melícias
Café Guarany (Porto): *O Ovo do Sagrado Feminino*, de Maria Antónia Jardim, apresentado por Isabel Ponce de Leão

19 de Outubro

Salão Nobre da Câmara Municipal do Funchal: *A Igreja Católica e o Nacionalismo do Estado Novo*, de Gabriel de Jesus Pita, apresentado por José Eduardo Franco

21 de Outubro

Hemeroteca Municipal de Lisboa: *Eça de Queirós e a Gazeta de Notícias: Suplemento Literário (1892)*, de Juliana Bonilha, apresentado por Annabela Rita; *Revista Miscelânea*, org. Álvaro Simões Júnior e Isabel Lousada, apresentado por Carlos Carranca; *Desventuras de um imperador sem trono: a génese da República Brasileira no olhar da imprensa satírica europeia*, de Francisco das Neves Alves e Reto Monico, apresentado por António Ventura
Cooperativa Árvore (Porto): *Egoísta, mas não só*, de Mário Assis Ferreira, apresentado por Isabel Ponce de Leão

22 de Outubro

Consulado de Portugal (Paris): *Sir Fernando Pessoa. O Relógio de Bolso que Esconde uma História*, de Maria Antónia Jardim

23 de Outubro

Auditório Francisco Carvalho Guerra (Universidade Católica Portuguesa – Porto): *Padre Américo – Frei Junípero no Lume Novo e Raízes do Tempo – À Volta do Padre Américo*, de Henrique Manuel Pereira, apresentadas por Francisco Carvalho Guerra e Vítor Teixeira

29 de Outubro

Auditório Vilarinho Raposo da Escola Augusto Moreno (Bragança): *Uma Andorinha no Alpendre*, de Alexandre Parafita

13 de Novembro

Biblioteca Nacional de Portugal: Carlos A. Moreira de Azevedo, *Terra-moto Doutrinal*, apresentado por José Eduardo Franco

18 de Novembro

Centro Cultural da Malaposta: *Calendário Celebração do Tempo 2016*

25 de Novembro

FNAC Colombo: *História Prodígiosa de Portugal. Magias & Mistérios*, de Joaquim Fernandes, apresentado por Paulo Mendes Pinto